

## Em tempos de dengue, educar é o melhor remédio



### **Artes:**

Descubra como transformar a fachada da sua escola em um grande quadro de aprendizagem

### **Física:**

Saiba como projeto inovador leva alunos da sala de aula ao espaço sideral e à conquista de prêmios



## Quando nem o professor escapa

Leonardo Rocha de Almeida\*

O mundo está mudando, e com isso a diversidade vem como bandeira desse processo. A escola de ensino fundamental que tive enquanto aluno é diferente daquela em que sou professor hoje. Na realidade, durante boa parte da faculdade de Pedagogia, odiava a hipótese de ser professor, estar em sala de aula, preencher cadernos de chamadas. A muito contragosto passei pela primeira prática na Educação Infantil, fazendo um trabalho sobre borboletas. No decorrer da faculdade fui me apetecendo das atividades da profissão, mas não do caderno de chamada, e mudei minhas perspectivas de vida, todavia ainda optando por turmas de alunos mais velhos, 5º ano do Ensino Fundamental ou da Educação de Jovens e Adultos.

Após a faculdade não consegui emprego nas escolas particulares, mesmo tendo feito diversos cursos durante a graduação e estágio por certo período. O diploma não estava servindo para obter uma assinatura na carteira e exercer a profissão para a qual estudei. Fui nomeado em um concurso que realizei antes de terminar a faculdade para o cargo de professor de Anos Iniciais. Acabei indo para uma escola numa zona afastada, e quase com características rurais, num município próximo ao que moro, mas daí veio a surpresa... havia somente uma turma de 1º ano, alunos de 6 anos de idade, para mim... Um choque! Na verdade, inicialmente não foi algo tão fácil de assimilar, tanto para mim quanto para os pais dos alunos. Me apoiem na formação sólida que tive e no interesse de buscar materiais para fazer uma aula interessante, porém não era isso que estava contando.

Os pais descobriram, quando eu fui apresentado como novo professor, que eu não era A professorA do 1º ano, e ser um homem nesse espaço, muito mais que ser homossexual, causa uma grande estranheza. O trabalho com essa turma e as que vieram na sequência foram ótimos, porém o choque dos pais era recorrente e isso me angustiava, já que era muitas vezes confundido com o novo professor de Educação

Física. Além de mães que tentavam mudar a filha de turma, ou comitivas que se juntavam para ir fazer reclamações baseadas na minha orientação sexual, no meu material de aula com estampas dos desenhos que as crianças conheciam etc. Grandes reviravoltas no primeiro trimestre de aula, mas depois disso estávamos todos acostumados.

Porém, venho me debatendo sobre esse tema por muito tempo, até mesmo por viver esse processo todo início de ano letivo, o que faz com que seja tão estranho?

Atualmente, cheguei à seguinte conclusão, a REFERÊNCIA, e não falo daquela da ABNT, mas sim da referência da memória, de ter encontrado no caminho um professor homem nos anos iniciais que não fosse apenas da Educação Física. Sair do estereótipo da professora Helena: quem tem mais idade deve lembrar da doce professora da novela Carrossel, que servia como "reflexo" para as demais futuras professoras naquela época.

Ao me deparar com isso, também percebi que durante a faculdade não tive professores homens que atuaram na docência dos Anos Iniciais e Educação Infantil, por gostar, por se identificar com a faixa etária. E talvez isso tenha feito com que eu negasse por muito tempo a ideia de ser professor de Educação Infantil e Anos Iniciais.

Notando essa situação, minha prática em sala de aula também mudou, pois, se meus alunos não tiverem referências positivas sobre situações que eles passam, como ser negro, ser mulher etc., o esforço para pensar além do espaço em que estamos circunscritos socialmente é muito maior.

Talvez agora o que seja importante levarmos em consideração é retomar o que nos fez escolher a profissão docente, e vamos combinar que não foi o salário o que nos faz acordar todos os dias e ir encontrar aquela turma, ou aquelas várias turmas? Será que nós estamos também sendo referência a eles de que podem ser mais, podem ser quem eles quiserem ser na pluralidade que vem se instalando em nossa sociedade contemporânea.

Nem o professor escapa de pensar sobre o que fazer hoje sobre os seus preconceitos, sobre as suas angústias, sobre



**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M. T. RJ 22685/JP)

**Colaboração**  
Sandra Martins, Jéssica Almeida, Richard  
Günter, Tony Carvalho e  
Marcela Figueiredo

**Fotografia**  
Marcelo Ávila, Tony Carvalho

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira  
Marcel Schocair Costa

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade e tiragem**  
Bimestral – 67.000 (Sessenta e sete mil)

**Impressão e distribuição**  
Edigráfica – Correios

Professores, enviem seus projetos para a  
**redação da Revista Appai Educar:**

**End.:** Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** jornaleducar@appai.org.br  
redacao@appai.org.br

**Endereço Eletrônico:**

[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

**Tel.:** (21) 3983-3200

\* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

aquilo que nossa formação inicial não nos preparou... só que a vida tratou de nos fazer pensar sobre isso ao nos deparmos com alunos nas mais diversas situações e anseios. Não é tarefa fácil, mas necessária, afinal nós estamos na sala de aula para, dependendo da realidade do aluno, fazer com que ele lembre que ainda existem possibilidades além daquelas que o entorno lhe impõe, assim como para nós, ao nos lançarmos em novos desafios profissionais que poderão nos fazer mais felizes.

Essa minha verdade é passageira, transitória. Talvez, enquanto você lê esse artigo, eu nem esteja mais pensando assim, ou estou? Todavia, refletir sobre a diversidade que se instalou, ou que estava sempre presente, será peça fundamental para o novo contexto de escola e educação que nos aguarda para o futuro.

---

**\*Leonardo Rocha de Almeida** é Professor Alfabetizador da Rede Municipal de Porto Alegre/RS; Pedagogo pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Gestão Educacional pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).



## Violência nas escolas dá culpa para a corresponsabilidade

*Vinicius Cardoso Pasqualin\**

A escola é um dos espaços onde todo mundo passa em algum momento da vida. São alunos diferentes vindos de contextos diferentes, com famílias que tem funcionamentos diferentes e estão em diferentes situações. Todos se encontram na escola que, por sua vez, tem atravessamentos políticos; às vezes, dificuldades de gestão e, às vezes, corpo docente dividido, o que dificulta o funcionamento da dinâmica da escola. Enfim, é um lugar em que o conflito é diário e constante.

A escola é um dos espaços onde todo mundo passa em algum momento da vida. São alunos diferentes vindos de contextos diferentes, com famílias que têm funcionamentos diferentes e estão em diferentes situações, todos se encontrando na escola que, por sua vez, apresenta atravessamentos políticos; às vezes dificuldades de gestão e às vezes corpo docente dividido, o que dificulta o funcionamento da dinâmica da escola. Enfim, trata-se de um lugar em que o conflito é diário e constante.

A violência é resultado de uma complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais, sendo necessário ter sempre em mente as interseções existentes entre os diferentes níveis. E precisamos nos dar conta e (re) pensar algumas questões como a cultura da violência, como uma forma de resolver o conflito (o mais forte vence), normas que dão prioridade aos pais sobre o bem-estar da criança (nem toda família protege, assim como nem toda instituição protege), algumas normas que reforçam a desigualdade de gênero, normas que validam o uso e abuso de força por parte da polícia contra os cidadãos (a polícia não pode ser associada como algo repressivo) e políticas públicas que mantêm altos níveis de desigualdade. Além da cultura da culpa como um grande mal na sociedade, a culpa é dos pais que não sabem educar, a culpa é da família que não educou os pais, a culpa é do governo que não faz nada, a culpa é da professora que não explica direito, a culpa é da escola, a culpa é da comunidade e assim segue um ciclo vicioso que não contribui em nada nas relações humanas, poderíamos trocar culpa por corresponsabilidade de forma que os papéis dos atores e instituições fiquem claros.

Cada escola tem a sua realidade, a sua experiência e a sua autonomia, os professores são os "experts" e podem criar, juntos, um processo transformador. Digo processo porque é flexível, um nome que me parece concreto e entre o prescrito e o real existe um enorme espaço para se trabalhar, o que demanda dos profissionais uma capacidade de ousar! O primeiro passo é reconhecermos que precisamos mudar as coisas, o segundo é pensar junto como, o terceiro é tentar pôr em prática e se não der certo? Levantamos e tentamos de outra forma. O que precisamos nos dar conta é que quando se trata de segurança pública todos nós temos a nossa parcela de contribuição. A abordagem sistêmica é uma maneira de ver e pensar um problema em relação ao seu contexto. Propicia a percepção de que o sujeito está imerso em um conjunto de relações com a família, comunidade e sociedade, com seus valores e crenças, entendendo o contexto em que o indivíduo e o grupo estão inseridos. E, mais uma questão é fato, precisamos incluir para que possamos sobreviver.

---

**\* Vinicius Cardoso Pasqualin** é Psicólogo, especialista em Família, foi Assessor Pedagógico da Sec. Est. da Educ. do Rio Grande do Sul, membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Violência da Ulbra (Niev) e pesquisador voluntário no Centro de Estudos Psicológicos da UFRGS CEP-RUA.

# REVEZAMENTO DAS TRILHAS E PRAIAS CAIXA

ESTA CORRIDA É PARA VOCÊ, ATLETA!

UM DESAFIO QUE VOCÊ PODE FAZER  
SOZINHO, EM DUPLA OU QUARTETO.

VAI ENCARAR?



21K

PRAIA DE GRUMARI  
**30.ABR**  
**7 HORAS**



Como chegar

LEIA ATENTAMENTE AS CONDIÇÕES NO BLOG  
APP AI ANTES DE REALIZAR SUA INSCRIÇÃO.

Siga-nos nas redes sociais



Lembramos que em todos os eventos de corrida disponibilizamos  
repelente e protetor solar na tenda do Programa Saúde 10.

O Benefício Educação Continuada preparou para você diversas palestras, cursos e oficinas sobre os mais variados temas. Confira a nossa programação e inscreva-se!

<b>05</b> <b>MAI</b> Quinta-feira	<b>Oficina: Ziraldo na sala de aula</b> Maria Cristina Silveira	8:30 às 12:30
---	--	---------------------

<b>19</b> <b>MAI</b> Quinta-feira	<b>Transtornos do Humor na Infância e Adolescência</b> Dr <sup>a</sup> . Sílvia Mariama	8:30 às 12:30
---	--	---------------------

<b>05</b> <b>MAI</b> Quinta-feira	<b>A Leitura Literária na Escola como Produção de Conhecimento</b> Patrícia Pacheco	13 às 17h
---	--	--------------

<b>21</b> <b>MAI</b> Sábado	<b>As Novas Violências nas Escolas: do olhar ao cuidar</b> Elisa Bichels	8:30 às 12:30
-----------------------------------	---	---------------------

<b>07</b> <b>MAI</b> Sábado	<b>A Literatura na Prática Pedagógica: desafios e compromissos docentes</b> Julio Emilio Braz	8:30 às 12:30
-----------------------------------	--	---------------------

<b>11</b> <b>JUN</b> Sábado	<b>A motivação no Processo de Ensino-aprendizagem</b> Denis Giovani Monteiro Naiff	8:30 às 12:30
-----------------------------------	---	---------------------

Para mais informações, acesse o Portal do Associado:

[appai.org.br](http://appai.org.br)

<b>11</b> <b>MAI</b> Quarta-feira	<b>Memória e Aprendizagem</b> Waldir Toledo	8:30 às 12:30
---	--	---------------------

<b>12</b> <b>MAI</b> Quinta-feira	<b>Desenvolvimento Infantil: contribuições de Wallon, Vygotsky e Winnicott</b> Marcia Regina F. Ribeiro	8:30 às 12:30
---	--	---------------------





# Tem luz no caminho

Alunos expõem os resultados de suas pesquisas e experimentos durante mostra escolar

Sandra Martins

O que seria de nós sem luz? Sem a luz do Sol? Sem a luz das ideias? Sem a luz da Vida? Sem a luz da imaginação? Sem a luz da “lâmpada mágica”? Ou como seria “dar à luz” sem nos permitirmos pensar que esse mistério se inicia no ventre materno? Esses foram alguns (e profundos) questionamentos abordados na 3ª Mostra Multidisciplinar: *Luz, vida em ação!*, produzida pelas turmas da Educação Infantil ao primeiro segmento do Ensino Fundamental do Colégio Conceito A, no bairro do Fonseca, em Niterói.

As reflexões mexeram não só com os pequenos, mas com os adultos também. Afinal, a proposta tinha como homenageado o Ano Internacional da Luz, como forma de aumentar a conscientização global sobre o uso das tecnologias e a promoção do desenvolvimento sustentável em energia, educação, agricultura, saúde e comunicação. A ligação de tantos conceitos com os conteúdos de cada série foi realizada por meio dos planejamentos, utilizando-se como estratégias o lúdico, a imaginação, a sensibilidade, ingredientes que culminam em belos parceiros de aventuras e boas costuras pedagógicas.

A partir do tema colocado, cada série foi elaborando suas tempestades de ideias, até que sistematizaram as propostas. Selma Muniz Bernardes, diretora e coordenadora pedagógica dos segmentos Educação Infantil até o 9º ano, incentivava o corpo docente a pesquisar atividades, que levassem a ideias e caminhos.


Ao longo do processo, nas reuniões de planejamento semanais, as professoras foram definindo as atividades, os



materiais necessários, quem poderia convidar para participar das vivências ou como trabalhar com o tema junto ao conteúdo da série. “Assim, por exemplo, do 1º ao 5º ano, na Geografia abordaram-se os astros, as constelações, instrumentos de observação; em Ciências, viram-se os impactos da energia solar sobre o meio ambiente; na Matemática, a questão dos pesos e medidas, entre outros aspectos”, disse Selma entre uma *performance* e outra dos estudantes ao longo das apresentações culturais.

O passeio pedagógico pela exposição se espalhava pelos dois andares do colégio, sendo iniciado pela Educação Infantil. Na realidade, uma sequência que tem como lógica a relação da formação do mundo com a do ser humano, o ser gerado no Planeta Terra, o ser gerado no útero da mulher. As analogias são fundamentais para que a criança tenha a compreensão da proposta em pauta. Para ela, foi apresentado o Planeta Terra análogo ao ventre feminino que gera uma vida, que poderia ser ele/ela ou mesmo seu irmão/irmã.

Uma mãe grávida aceitou o convite para conversar com as crianças e responder suas perguntas. “Foi impactante”, afirmou Selma.



Ao som de muita música, os pequenos realizaram apresentações de dança na 3ª Mostra Multidisciplinar

A comunicação é outra forma de passar energia e pode ser visibilizada nas concepções traduzidas pelo universo envolvendo desde a captura da imagem, com as máquinas fotográficas, até a produção de uma sala de cinema e o famoso tapete vermelho que leva os profissionais do mundo cinematográfico ao Oscar. Entretanto, entre uma pipoca e outra, do escurinho do cinema, muita energia rolou por baixo da ponte, e mesmo por cima dela, com o uso do carvão, por exemplo, no ferro de passar roupas, lanternas, binóculos. Este foi outro ponto bastante interessante da mostra, pois quem tinha elementos do século ou milênio passado (é estranho mesmo!) pôde levar emprestado para compor a exposição.

Em todas as séries foram realizados debates e pesquisas, desenvolvidas maquetes, promovidas sessões de contação de histórias, exibidas produções audiovisuais (como a "Era do Gelo", "Toy Story 3", "Os Smurfs", "Branca de Neve") e criados protótipos individuais que traziam a mensagem construída a partir das discussões coletivas e vivências dos discentes.

Juntamente com a parte da pesquisa que compôs a exposição, os docentes trabalharam a perspectiva cultural junto às crianças, com danças, música, solos instrumentais, sob a batuta do professor de música Ulisses, e até uma apresentação de grupo de ginástica rítmica do colégio, sob o comando da

professora Flávia, que havia se apresentado no Copa Niterói de Ginástica Rítmica, no Ginásio Caio Martins.

"Foi um trabalho muito bacana, pois percebemos que as crianças colocaram em prática o que aprenderam. E mais do que isso: o que adquiriram em sala de aula dialoga com os conhecimentos que recebem em casa, que são de extrema importância para suas vidas, hoje e sempre", pontuou Rodrigo Nascimento ao visitar toda a exposição e, em especial, o trabalho de sua filha Elaine, de 7 anos, do 3º ano.

Colégio Conceito A  
Alameda São Boaventura, 454 – Fonseca  
Niterói/RJ  
CEP: 24120-191  
Tel.: (21) 2627-7436  
E-mail: [colegioconceitoa@gmail.com](mailto:colegioconceitoa@gmail.com)  
Diretora e coordenadora pedagógica: Selma Muniz Bernardes  
Fotos: Marcelo Ávila



Fonte:  
Oscar.go.com  
Nova Escola  
Casa de Cinema de Porto Alegre

# DOS LIVROS PARA AS TELAS

## A magia literária adaptada para o cinema

**D**esde o final dos anos 1920, o mais aclamado prêmio do cinema, o Oscar, é entregue anualmente pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas no Teatro Dolby, na cidade de Los Angeles, para os que mais se destacaram na sétima arte. Dentre as 24 categorias está a premiação do “Melhor roteiro adaptado”, que elege o melhor filme baseado em uma obra inspiratória, ou seja, quando o roteiro tem como pontapé inicial a referência de um livro, um conto, uma série de televisão ou até mesmo um outro filme.

Neste ano, todos os indicados nesta categoria foram adaptações de obras literárias, que ficam aqui como indicação de leitura. Sobretudo, ressaltamos através desses livros a importância do educador como formador de novos leitores, pois é na escola que grande parte dos alunos tem o seu primeiro contato e em muitos casos o único com a literatura. Daí a necessidade de garantir que essa aproximação seja feita por meio de livros da mais alta qualidade. Por isso, nas obras oferecidas a esse público, é preciso haver

um trabalho reflexivo de construção do texto, da estrutura, da linguagem, revelando uma intenção estética clara.

Para Denise Guilherme, formadora do programa “Ler e Escrever”, da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo, os professores e mediadores de leitura devem atentar para a forma como alguns temas são tratados nos livros, evitando abordagens moralistas, didáticas, previsíveis, maniqueístas, paternalistas, simplistas ou estereotipadas que subestimam a inteligência dos leitores e lhes ofereçam uma visão limitada da experiência humana. “É preciso garantir que os alunos tenham acesso a diferentes conteúdos, abordagens e pontos de vista para que se reafirmem ou se confrontem e procurem outros livros em busca de novas premissas e dúvidas, de outros interesses”, analisa.

Todos os anos cerca de três mil novos títulos voltados para crianças e jovens são lançados no Brasil. Além disso, as bibliotecas e salas de leitura são abastecidas, constantemente, por obras enviadas por diferentes iniciativas públicas e privadas.



## CONFIRA ABAIXO AS ADAPTAÇÕES QUE CONCORRERAM AO OSCAR:

### A JOGADA DO SÉCULO (THE BIG SHORT)

(Michael Lewis, 322 págs., Ed. Best Business)

Lançado em 2010 nos EUA, o livro de Michael Lewis não demorou a entrar para a lista de *best-seller* do *The New York Times*. A narrativa gira em torno dos bastidores da crise financeira de 2008. Além de procurar apontar a responsabilidade dos operadores da Bolsa de *Wall Street* na crise, o autor desvenda termos complexos das finanças modernas com clareza. O filme e o livro possuem o título original *The Big Short*, enquanto a publicação em português se chama "A jogada do século".

Vencedor do Oscar 2016, categoria "Melhor Roteiro Adaptado"



### BROOKLYN

(Colm Tóibín, 304 págs., Ed. Companhia das Letras)

O filme e o livro de Colm Tóibín contam a história da jovem Eilis Lacey. Moradora de uma pequena vila irlandesa na década de 1950, ela é uma das muitas pessoas da sua geração que não consegue arranjar emprego. Quando surge uma oportunidade nos EUA, ela parte sozinha para um mundo desconhecido. A personagem se estabelece no Brooklyn, onde conhece um jovem de origem italiana. Quando notícias trágicas a obrigam a regressar à Irlanda, ela se vê diante de uma escolha: ficar em sua terra natal ou retornar à América. Conforme a sinopse do livro, a obra é "uma história de partida e regresso, de amor e perda, da escolha entre a liberdade pessoal e o dever".

### CAROL

(Patricia Highsmith, 304 págs., Ed. L&MP)

Este é o primeiro romance que aborda uma relação amorosa entre mulheres com um final feliz. Publicado sob o pseudônimo de Claire Morgan (Patricia Highsmith) na década de 1950, o romance que deu origem ao filme homônimo conta a história da jovem Therese e de Carol – recém-separada e mãe de uma filha. Durante as adaptações para uma versão cinematográfica, é normal que ocorram algumas mudanças em relação à versão original da história. Em *Carol*, por exemplo, Therese sonha em construir uma carreira como cenógrafa de teatro. Já no filme seu objetivo é ser fotógrafa.



### PERDIDO EM MARTE

(Andy Weir, 336 págs., Ed. Arqueiro)

Devido a problemas, a missão espacial "Ares 3" precisa ser cancelada e o astronauta Mark Watney acaba sendo deixado sozinho em Marte. Ao despertar, ele se vê ferido e sem ter como estabelecer contato com as pessoas na Terra. Obstinado a sobreviver, Mark usa sua curiosidade e suas habilidades de engenheiro e botânico para plantar batatas em Marte e elaborar um plano para entrar em contato com a Nasa.

sobreviver, Mark usa sua curiosidade e suas habilidades de engenheiro e botânico para plantar batatas em Marte e elaborar um plano para entrar em contato com a Nasa.

### QUARTO

(Emma Donoghue, 350 págs., Ed. Verus Editora)

Este é o livro que deu origem ao filme "O quarto de Jack". Para o garotinho de 5 anos, o quarto é o mundo todo. O que ele desconhece são as circunstâncias que retêm sua mãe e ele àquele espaço. Há sete anos, o velho Nick os mantém presos. Sua mãe bola um plano de fuga, porém, na prática, tudo é mais difícil do que parecia.



Colaboração: Richard Günter



# De pincel em pincel o mundo ganha novas cores

Jéssica Almeida

Utilizando a técnica de pintura mural, alunos criam seus autorretratos e reforçam lições de vida

Romero Britto e Mônico Reis serviram de inspiração para os alunos do Colégio Estadual Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior, em São Gonçalo, que transformaram a fachada da escola em um grande painel de expressões e histórias. Ao todo, dezoito autorretratos foram pintados pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio.

A iniciativa surgiu a partir dos próprios estudantes e da professora Raquel Caldas, de Educação Artística, após a Semana de Artes da escola. Foram quatro meses de execução do projeto, sempre no contraturno. De acordo com a docente, o intuito da atividade foi proporcionar aos alunos uma experiência artística na produção de autorretratos visando o autoconhecimento, além de elevar a autoestima, desenvolver o senso de trabalho em equipe e levar à experimentação de novas técnicas, como a da pintura mural.



Auxiliados pela professora Raquel os alunos tiveram contato com todas as etapas do processo artístico



Para dar início ao projeto, cada aluno realizou uma *selfie*, que por sua vez foi ampliada com auxílio de um aparelho projetor e transferida para a parede com papel-carbono. Em seguida cada um acrescentou os elementos que caracterizam suas preferências, interesses ou sua personalidade. Na sequência realizaram a pintura com tinta PVA. Segundo a educadora, a escolha das inspirações para pintura se deu em virtude de os estudantes apreciarem as obras de Romero Britto pela alegria das cores transmitidas em suas obras. “Porém a estrutura compositiva e os significados empregados foram inspirados nos trabalhos de Mônico Reis, que ao realizar os seus retratos acrescenta elementos que nos ajudam a traçar uma identidade da pessoa retratada”, explica Raquel.

A professora conta ainda que os alunos tiveram contato com todas as etapas do processo artístico. Desde o planejamento, o desenho dos autorretratos no muro com carbono, as escolhas das tintas até a pintura. “Mas o aprendizado foi muito além. Trabalhamos características importantes para o futuro deles: timidez, autoestima, organização, responsabilidade, trabalho em equipe, entre outras”, garante.

A aluna Stefany Inácio dos Santos garante que ela e os colegas levarão diversas lições para a vida. “Em qualquer

profissão, a gente tem que lidar com o outro, saber trabalhar em grupo, cumprir metas, prazos e ser paciente. E isso aprendemos durante a atividade. O mais legal foi que todo o grupo se ajudou, pois nosso objetivo era um só: realizar o trabalho da melhor forma”, destacou.

Já para a colega Patrícia Coutinho, as aulas de Artes serviram para despertar seu interesse pela área. “A nossa turma se envolveu bastante com as tarefas. Desenvolvemos diversas atividades, criamos até uma sala exclusiva para as produções da disciplina. Depois de todos os trabalhos desenvolvidos com a professora, fiquei muito interessada em seguir essa carreira. Me identifiquei com o processo artístico”, revela.

A fachada da escola tem cerca de 50 metros de extensão e foi totalmente pintada. Todo o material utilizado foi adquirido com a verba de manutenção da unidade escolar. A educadora adiantou que pretende levar a iniciativa para as próximas turmas. “O resultado foi muito positivo, uma atividade que valorizou o estudante como protagonista. Eles mostraram suas características, vivências e expressões. Quero replicar essa experiência com os próximos alunos”, finalizou.

Colégio Estadual Dom Antônio de Almeida  
Moraes Júnior  
Av. Santa Luzia, s/nº – Santa Luzia  
São Gonçalo/RJ  
CEP: 24722-315  
Tel.: (21) 2725-0887  
E-mail: cedaamj@yahoo.com.br  
Professora responsável: Raquel Caldas  
Fotos: Marcia Costa / Seeduc



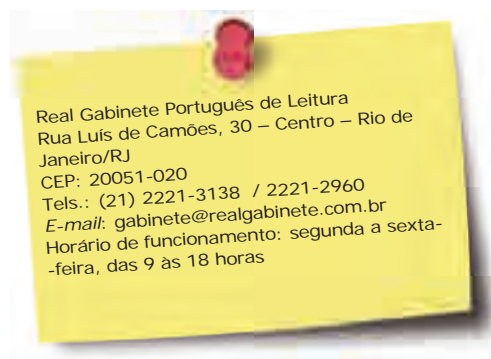
# Real Gabinete Português de Leitura

Pelo seu prestígio nos meios intelectuais, pela beleza arquitetônica do edifício da sua sede, pela importância do acervo bibliográfico e ainda pelas atividades que desenvolve, o Real Gabinete Português de Leitura é, sob todos os aspectos, uma instituição notável e que muito dignifica Portugal no Brasil. É uma das bibliotecas mais importantes do país, abrigando o maior número de obras de autores portugueses fora do território de sua terra natal. Cerca de 400 mil títulos da Literatura Portuguesa fazem parte do acervo, alguns muito raros, como o exemplar *princeps* (primeira edição de um livro) de “Os Lusíadas”, de 1572, que pertenceu à Companhia de Jesus.

O Gabinete teve a sua primeira sede no sobrado do número 83 da rua de S. Pedro, transferindo-se, em 1842, para a rua da Quitanda, onde ocupou um “belo prédio de três pavimentos, de fachada azulejada e beiral de telhas de canal esmaltadas em Alcobça”, como está descrito no *site* da instituição. No entanto, o espaço necessário para guardar os numerosos livros que possuía tornou-se pequeno e, em 1850, a diretoria se viu obrigada a procurar novo abrigo, na então rua dos Beneditinos. Como a biblioteca não parou de aumentar, este edifício acabou deixando de garantir as exigências da associação, o que levou as várias diretorias a pensar na construção de um local próprio, que respondesse às carências e objetivos da instituição.

Além do acervo bibliográfico, o Real Gabinete atua como uma espécie de curador das relações culturais e sociais luso-brasileiras, desenvolvendo atividades por meio do Centro Cultural, do Centro de Estudos, do Polo de Pesquisa sobre as Relações Luso-brasileiras (PPRLB) e pelo Acervo Artístico que preserva, como a bela fachada, obras de arte e a mobília que compõe o espaço. Recentemente, entrou na lista das 20 bibliotecas mais bonitas do mundo. A seleção, feita pela revista *Time*, inclui edifícios históricos que abrigam antigas instituições desse segmento, como a da Trinity College, em Dublin; a de Alexandria, no Egito; e a famosa biblioteca pública de Nova Iorque.

Colaboração: Richard Günter



# Influências africanas na morfologia e sintaxe do português do Brasil

Sandro Gomes\*

Seguindo com nossos estudos sobre a influência das línguas africanas no português que praticamos no Brasil, vamos agora abordar as transformações que ocorreram nos campos da morfologia e da sintaxe, em geral atribuídas por muitos autores às grandes diferenças existentes entre as línguas africanas que vieram para o Brasil e a língua do colonizador. Algumas importantes contribuições acabaram se consolidando.

## O substantivo invariável na língua popular

No modo de falar à primeira vista atribuído aos falantes “caipiras”, mas certamente registrado em todo o país, frequentemente os substantivos aparecem sem a marca de número, sendo possível identificar o plural apenas pela sua presença nos artigos. Veja a frase:

*“Vim vê na procissão lóvado-seja / o malassombro das casa abandonada...”*

Nesse trecho em que o compositor Elomar retrata a linguagem popular dos habitantes do sertão nordestino, pode-se ver (e entender) claramente a sentença apesar de a indicação do plural só ocorrer na contração da preposição com o artigo, não chegando nem ao substantivo e nem ao adjetivo. Em nossa fala corrente, no dia a dia, quantos exemplos semelhantes não vemos? Alguns estudiosos chamam a atenção para o fato de que as línguas derivadas do tronco iorubá não utilizam o “s” para indicar o plural, empregando partículas antes dos verbos para indicar o número.

## Uso do pronome tônico como objeto

Segundo o prof. Silvio Elia, um dos grandes no estudo da língua portuguesa entre nós, o uso do pronome na forma tônica e de modo reto (como sujeito) como objeto seria em função de que em algumas línguas africanas não há uma diferença causal entre sujeito e objeto, favorecendo a que o uso se fizesse de forma indistinta. Acompanhe o exemplo:

*O pai recebeu **ele** de braços abertos.*

O pronome reto *ele*, que pela norma culta deveria portar-se como sujeito, aparece neste exemplo de fala popular com a função de objeto direto. No registro culto empregariamos o pronome átono *o*: *O pai **o** recebeu de braços abertos.*

## Frases de características adverbiais funcionando como sujeito

Trata-se de um caso bem interessante em que construções introduzidas por preposições tendentes à indicação de lugar (advérbio) funcionam como sujeito de orações. Observe:

*Na minha escola **aceita** certificado em vez de diploma.*

Na minha escola, ao mesmo tempo que oferece uma indicação de lugar onde algo se passa, também é o termo que pratica a ação de “aceitar”, logo funcionando como um sujeito. Trata-se de uma construção que não é corrente no português europeu, mas que algumas vezes aparece em sentenças de algumas línguas provenientes do troco linguístico bantu, daí linguistas atribuírem tal construção à influência de certos usos morfológicos de idiomas vindos da África.

## Uso do objeto necessariamente após o verbo

Um deles é o uso do objeto logo em seguida ao verbo, traço muito comum em idiomas do tronco iorubá, por exemplo. Assim, construções típicas do português europeu teriam recebido adaptações no modo de falar brasileiro. Veja o exemplo:

No português europeu: *Eu **a** vi ontem à tarde.*

No falar brasileiro: *Eu vi **você** ontem à tarde.*

Repare que, no uso entre nós, *você*, um pronome de tratamento, que deve ter a função de sujeito, acaba usado como o objeto direto da oração. No caso de Portugal, foi usado um pronome oblíquo e antes do verbo, o que não é admissível em idiomas de origem africana, como o citado.

Amigos, sobre a influência de falares africanos no português brasileiro, do ponto de vista da morfologia e da sintaxe, é isso! Em outra oportunidade voltamos a esse assunto. Na próxima edição, vamos abordar o uso de referências idiomáticas de nossos ancestrais vindos da África em textos e criações da nossa literatura. Até a próxima, pessoal!

\*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestre em Literatura Brasileira. Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



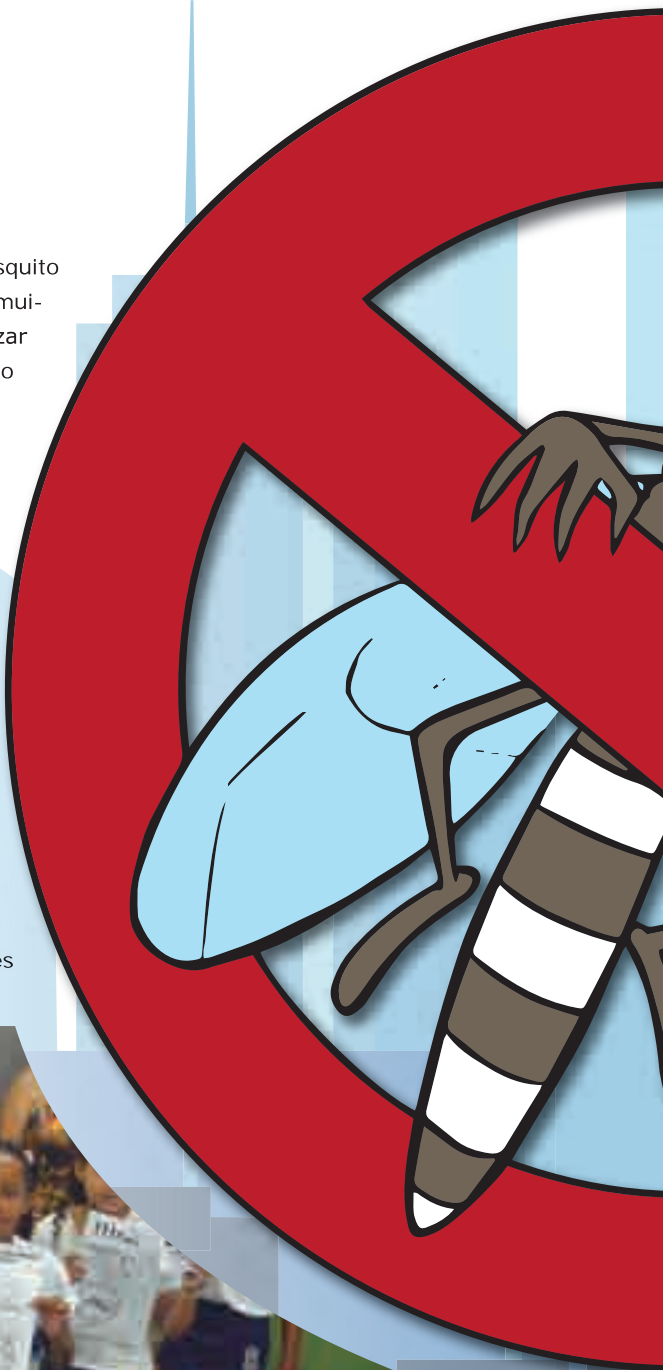
# Minha cidade

Atitudes responsáveis mudam a história da comunidade escolar e das famílias

Tony Carvalho

**D**iante do surto atual de doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, como Dengue, Zika e febre Chikungunya, muitas escolas estão envolvidas em ações a fim de sensibilizar alunos e a comunidade no enfrentamento do problema. No Rio, muitas escolas da rede municipal vêm desenvolvendo a campanha *Minha cidade sem mosquito*. A Escola Maestro Pixinguinha é uma delas. Desde o dia 19 de fevereiro, ela uniu-se ao esforço nacional de combate ao mosquito, contando com a participação dos professores, das turmas do Fundamental I, de alunos do Grêmio Estudantil, pais e funcionários da escola.

Em cada sala de aula do 1º ao 5º ano, alunos e professores debateram o tema e produziram trabalhos. As crianças montaram cartazes, que formaram murais por todo o espaço escolar. Os alunos foram incentivados a falar sobre o mosquito *Aedes aegypti* e as doenças por ele transmitidas, relataram suas experiências pessoais e familiares, produziram pôsteres, com a tarefa de entregar a um vizinho, e ainda confeccionaram viseiras. Para o diretor da escola, professor José Roberto da Silva, é importante conquistar o envolvimento do aluno, com atividades pedagógicas que sejam lúdicas e, assim, despertar o seu interesse e o engajamento nesse processo. "Entendemos que a prevenção depende de informação e de ações



# sem mosquito



efetivamente educativas. Para tanto, toda a escola se mobilizou para trabalhar esse tema de uma forma atraente aos olhos dos estudantes.

Em todos os momentos, o destaque maior é dado para a gravidade das doenças e aos cuidados necessários para evitar a proliferação do mosquito. O nosso objetivo é estimular a criança a ser um agente transformador, fazendo da escola, da casa deles e de toda a comunidade um território livre desse inseto. Ela percebe que não apenas a escola, mas toda a sociedade, está preocupada”, justifica.

Toda sexta-feira, é elaborada alguma atividade relacionada às doenças transmitidas pelo mosquito. De acordo com a coordenadora pedagógica Jaqueline Lopes, através dessas atividades propostas, os pequenos aprendem a reconhecer a necessidade de adotar atitudes responsáveis de prevenção da doença. “Quando mobilizamos a criança, ela fica tão entusiasmada que acaba conquistando toda a família. É importante que elas multipliquem o que está sendo ensinado. O projeto está sendo um sucesso. Algumas mães comentam que seus filhos são verdadeiros agentes fiscalizadores, cobrando os cuidados necessários”, declara.



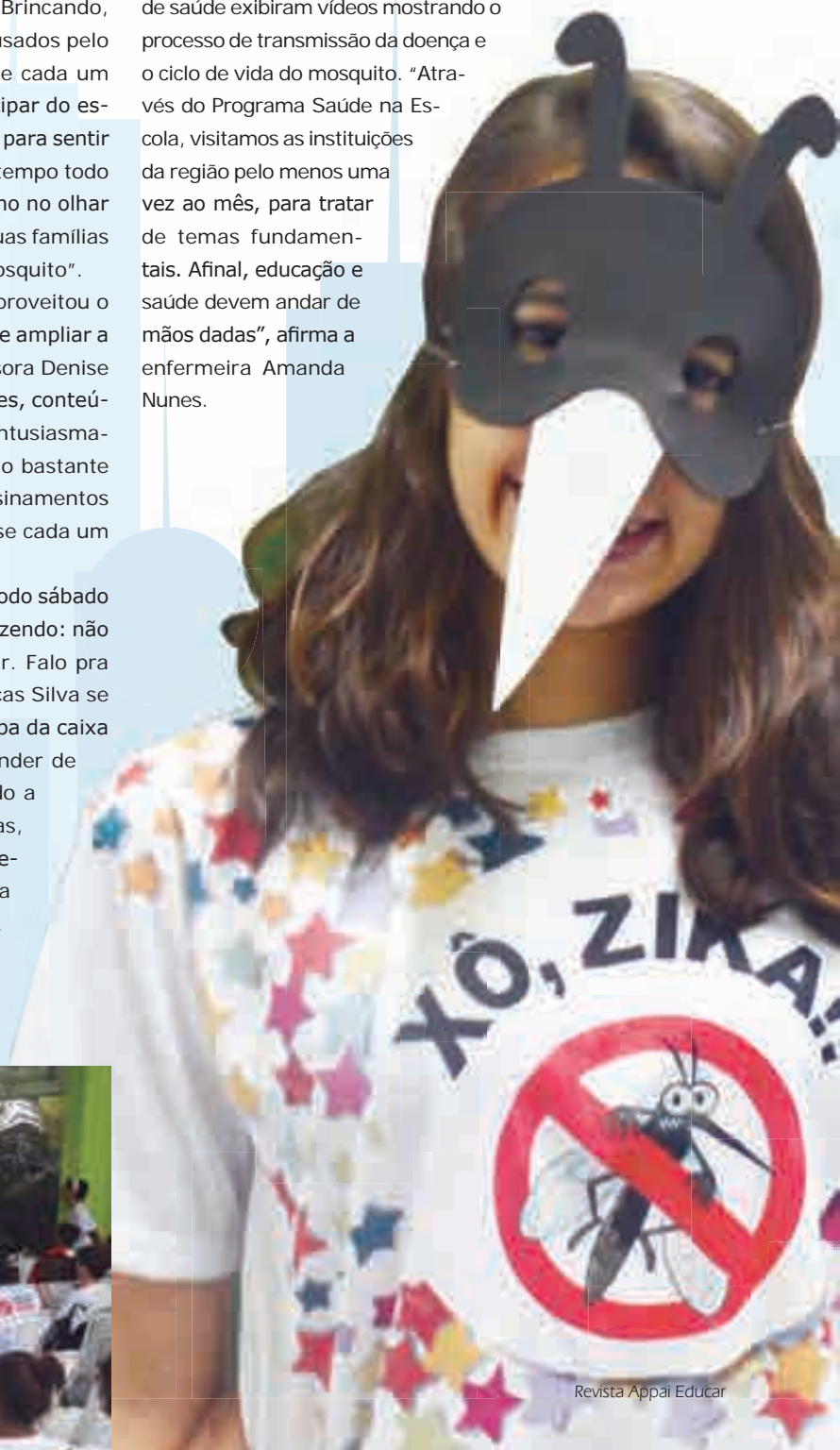
As atividades contaram também com a participação de três alunas do 9º ano. Elas fazem parte do Grêmio Escolar e criaram uma divertida apresentação, que foi levada a cada turminha do Fundamental I. “A proposta foi falar de coisa séria sem perder a ludicidade. Nós nos fantasiamos de mosquitos e visitamos cada turma, fazendo brincadeiras e cantando uma paródia que fizemos”, conta Jéssica Ferreira. Daniele Medeiros completa: “As crianças ficaram bem atentas às mensagens que passamos para elas. Brincando, levamos informações sobre os ricos e males causados pelo mosquito e mostramos os cuidados simples que cada um pode fazer em casa”. Para Natália Souza, participar do esquete teatral foi uma iniciativa gratificante: “Deu para sentir o entusiasmo dos pequenos. Eles interagiram o tempo todo conosco. Nós nos sentimos felizes em ver o brilho no olhar deles. E o mais importante é que levaram para suas famílias tudo o que aprenderam sobre o combate ao mosquito”.

No 1º ano, a professora Clarice dos Anjos aproveitou o tema para realizar trabalhos de artes, desenhos e ampliar a comunicação oral e escrita. No 2º ano, a professora Denise Pereira trabalhou ortografia, construção de frases, conteúdos de ciências e de artes. Ela é uma das mais entusiasmadas com o envolvimento dos alunos: “Eles estão bastante motivados e colocam em prática todos os ensinamentos que trabalhamos em sala de aula. Sabem que, se cada um fizer sua parte, vamos vencer essa guerra”.

O aluno Arthur Santos é um exemplo disso. Todo sábado ele inspeciona a casa e a vizinhança. “Vou logo dizendo: não podemos deixar água parada em nenhum lugar. Falo pra todo mundo”, garante. Na turma do 3º ano, Lucas Silva se considera um fiscal da dengue: “Eu fecho a tampa da caixa d’água, tiro água do pneu, faço tudo. Se depender de mim, não vai ter mais esse mosquito”. Segundo a professora Marilene Passos, assim como o Lucas, toda a turma está mobilizada. “Toda semana desenvolvemos uma atividade que desperta essa vontade de querer ser um agente transformador. A gente aproveita o tema não só para trabalhar a cidadania como também conteúdos pedagógicos de algumas disciplinas”, diz. A professora

Izabel Cristina também faz o mesmo com a turma do 4º ano. À medida que os alunos confeccionam cartazes para a campanha, ela trabalha Língua Portuguesa, com a produção de textos e análise gramatical.

A escola ainda planeja muitas ações, que deverão ocorrer ao longo do ano, envolvendo toda a comunidade escolar. No dia 10 de março, uma equipe da clínica da família visitou a unidade para dar palestras aos alunos. As agentes de saúde exibiram vídeos mostrando o processo de transmissão da doença e o ciclo de vida do mosquito. “Através do Programa Saúde na Escola, visitamos as instituições da região pelo menos uma vez ao mês, para tratar de temas fundamentais. Afinal, educação e saúde devem andar de mãos dadas”, afirma a enfermeira Amanda Nunes.







## ATIVIDADE ESCOLAR

### Objetivo:

Levar o máximo de informações possíveis sobre os riscos e males causados pelo mosquito Aedes Aegypti.

### Objetivos Específicos:

Motivar os alunos e toda a comunidade nos cuidados simples que cada um pode ter em casa.

### Ações para serem desenvolvidas:

- Mobilizar os alunos sobre as causas de doenças transmitidas pelo mosquito;
- Explicar sobre o que são DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA e seus sintomas;
- Organizar murais com trabalhos de informações;
- Montar um painel gigante sobre o combate ao mosquito para afixar no pátio da escola, visando a divulgação diária dos fatos ocorridos em todo o país em consequência da proliferação do mosquito;
- Organizar ideias relacionadas às causas e consequências da presença do mosquito e como combatê-lo;
- Leitura de cartazes informativos doados pela Secretaria Municipal de Saúde ou Postos de saúde;
- Formar uma brigada de combate à dengue pelos arredores da escola, com intuito de preservar o ambiente mais próximo da comunidade escolar, bem como levar panfletos aos moradores do entorno;
- Colagens e pinturas de desenhos relacionados ao assunto;
- Confeccionar tiaras de NÃO À DENGUE, para animar as crianças durante o projeto;
- Elaborar e responder atividades de caça-palavras, cruzadinhas e outras relacionadas ao assunto;
- Organizar dramatizações de situações relacionadas ao tema;
- Organizar fotos de todos os trabalhos realizados pelos professores em suas turmas e apresentar para a escola em geral.

### Culminância:

- Exibição das fotos de todos os trabalhos realizados pelos professores em suas turmas.
- Caminhada contra a dengue.
- Palestras com agentes de endemias.

Escola Municipal Maestro Pixinguinha  
Rua Anambés, 50 – Vila Kosmos  
Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21220-040  
Tels.: (21) 2482-9875 / 3352-1005  
E-mail: empixingui@rioeduca.net  
Diretor: José Roberto da Silva  
Fotos: Tony Carvalho



# Cordel na dengue!

Linguajar despreocupado da modalidade impressa de poesia marca o ritmo da formação de agentes replicadores no combate ao *Aedes aegypti*



Jéssica Almeida

*Tornando a aula mais prazerosa e facilitando o ensino-aprendizagem, o aluno realmente participa e se interessa mais. Aquele modo engessado de transmitir conteúdo já passou, (...) essa forma diferente se torna um aprendizado para a vida toda*

Com cerca de cinco alunos faltando por semana devido às doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, a diretora Rivani Nasario, da Escola Municipal Mizael Montenegro Filho, em Olinda, Pernambuco, cansou de assistir impotente a essa situação. Autora de 45 cordéis, sendo 35 voltados para a educação, a gestora resolveu mudar essa realidade. Para isso, ela criou uma obra voltada para as crianças para explicar como se proteger da dengue, zika e chikungunya.

A ideia do projeto surgiu em março de 2010. Mas com o surgimento de novas doenças provocadas pelo mosquito *Aedes Aegypti*, em 2016, a educadora resolveu aprofundar o cordel e chamá-lo de *Dengue, zika vírus e chikungunia – Vamos combater*. Rivani conta que há bastante tempo trabalha com cordel em sala de aula. “Desde 2009, porque além de poetisa popular eu sou gestora de escola, mas fui professora de sala de aula há 25 anos, e nesse período sempre mostrei que o cordel é mais uma ferramenta que pode ajudar no ensino-aprendizagem porque tem rima e é fácil de musicar”, explica.

Rivani lembra que tudo começou quando ela cursou Pedagogia na Universidade de Pernambuco e viu a necessidade do professor em ensinar com cordel voltado à educação. “Muitos cordelistas trabalham com temas pitorescos, eu procurei mais o lado educacional por ser professora. Também senti a necessidade de dar musicalidade ao projeto. Foi aí que convidei o percussionista Clinger Vicente e realmente ficou perfeito”, afirma.

O intuito do projeto, voltado para o combate ao mosquito *Aedes aegypti*, é fazer com que os estudantes sejam agentes replicadores de orientação, sendo fiscalizadores das ações dos pais dentro de casa. “A gente precisa promover uma corrente de ensino e aprendizado para levar as informações corretas para a garotada”, salienta Rivani. A iniciativa, que envolve alunos



da Educação Infantil e Fundamental I, aborda disciplinas como Português, Artes, Ciências, Geografia e História, trabalhando assim a interdisciplinaridade.

A diretora apresenta o cordel aos alunos e a professora se encarrega de transformar essas informações em atividades pedagógicas durante toda a semana. Ana Karolina Teodoro, docente do terceiro ano, ressalta que é uma aula que foge dos padrões tradicionais de ensino. "Tornando-a mais prazerosa e facilitando o ensino-aprendizagem, o aluno realmente participa e se interessa mais. Aquele modo engessado de transmitir conteúdo já passou, aquilo ali não se aprende, se decora e esquece em meia hora. Já essa forma diferente se torna um aprendizado para a vida

toda", afirma.

Para se aproximar ainda mais das crianças e tornar a aquisição do conhecimento algo mais lúdico, o cordel abusa do regionalismo com termos como "febre da mulستا" e "cabra" (confira o cordel no final da matéria). "O cordel rima e isso faz a garotada aprender com mais facilidade. É um prazer, é uma coisa nova e no momento em que coloco a música eles enlouquecem, memorizam com facilidade", diz a diretora.

E não é que os jovens têm as estrofes na ponta da língua! Com apenas seis anos, Harley Davidson de Moraes declama que é uma ação tão simples que devemos apoiar.

A diretora apresenta o cordel aos alunos e a professora se encarrega de transformar essas informações em atividades pedagógicas durante toda a semana



“Não deixe água parada, protege todo lugar, o mosquito é virado, unidos vamos ganhar. Eu ensino isso tudo para os meus pais”, afirma o pequeno.

A diretora tem esperança de que a ferramenta surta efeito e que os casos de doenças diminuam. “Acredito

que vamos melhorar. Eu vou exigir dos pais porque no momento em que a criança tem o conhecimento ela vai conseguir conscientizar. A escola tem que ser um ambiente de aprendizado para os pequenos, porque é a partir dela que eu posso mudar o mundo”, finaliza.

## **DENGUE, ZIKA VÍRUS E CHIKUNGUNYA - VAMOS COMBATER!**

Autora: Rivani Nasario

**Abro o nosso cordel  
Para ao povo ensinar  
Combatendo o mosquito  
Pra doença evitar  
Ele provoca dengue  
Podendo até matar**

**Mas mosquito da gota  
Temos preocupação  
Transmite a zika vírus  
Acabando o cidadão  
O corpo fica é mole  
E os olhos vermelhidão**

**Chikungunya é de matar  
Dor nas articulações  
Manchas vermelhas na pele  
Sem muitas explicações  
Febre alta da “mulesta”  
Quebra o cabra sem sermões**

**É preciso atenção  
Para poder melhorar  
Ela vem com dor nas costas  
Coceira de acabar  
Fadiga, náusea e vômito  
Mas podemos evitar**

**A escola é o início  
Do que pode apoiar  
Professores bem atentos  
No que devem ensinar  
Proteger contra o mosquito  
Com o verso popular**

**E a ação é tão simples  
Que devemos apoiar  
Não deixe água parada  
Proteja todo lugar  
O mosquito é virado  
Unidos vamos ganhar**

**Devemos juntar o lixo  
De maneira organizada  
Colocá-lo em depósito  
Coleta facilitada  
A saúde protegida  
E a doença afastada**

Escola Mizael Montenegro Filho  
Rua Catarina Batista de Alencar, 791  
Casa Caiada – Olinda/PE  
CEP: 53130-020  
Tel.: (81) 3431-5796 / 3432-6591  
E-mail: riva\_nasario@hotmail.com  
Diretora: Rivani Nasario  
Fotos cedidas pela escola



# Você sabe como funciona o sistema Braille?



O sistema Braille é um processo de escrita e leitura baseado em 64 símbolos em relevo, resultantes da combinação de até seis pontos dispostos em duas colunas de três pontos cada. Pode-se fazer a representação tanto de letras, quanto de algarismos e sinais de pontuação. Ele é utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão, e a leitura é feita da esquerda para a direita, ao toque de uma ou das duas mãos ao mesmo tempo.

O código foi criado pelo francês Louis Braille (1809 - 1852), que perdeu a visão aos 3 anos e criou o sistema aos 16. Ele teve o olho perfurado por uma ferramenta na oficina do pai, que trabalhava com couro. Após o incidente, o menino teve uma infecção grave, resultando em cegueira nos dois olhos.

O Brasil conhece o sistema desde 1854, data da inauguração do Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, chamado, à época, Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Fundado por D. Pedro II, a instituição já tinha como missão a educação e profissionalização das pessoas com deficiência visual. "O Brasil foi o primeiro país da América Latina a adotar o sistema, trazido por José Álvares de Azevedo, jovem cego que teve contato com o Braille em Paris", conta a pedagoga Maria Cristina Nassif, especialista no ensino para deficiente visual da Fundação Dorina Nowill.

O código Braille não foi a primeira iniciativa que permitia a leitura por cegos. Havia modelos com inscrições em alto-relevo, normalmente feitos por letras costuradas em papel, que eram muito grandes e pouco práticos. Quatro anos antes de criar seu método, Louis Braille teve contato com um capitão da artilharia francesa que havia desenvolvido um sistema de escrita noturna, para facilitar a comunicação secreta entre soldados, já utilizando pontos em relevo. Braille simplificou esse trabalho e o aprimorou, permitindo que fosse também utilizado para números e símbolos musicais.

O Braille hoje já está difundido pelo mundo todo e, segundo a pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil", de 2008, do Instituto Pró-Livro, 400 mil pessoas leem nesse sistema aqui no Brasil. Não é possível, segundo o Instituto Dorina Nowill, calcular em porcentagem o que esses leitores representam em relação à quantidade total de deficientes visuais no país. Isso porque o censo do ano 2000, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), aponta que há no Brasil 169 mil pessoas cegas e 2,5 milhões de pessoas com baixa visão. No entanto, este último grupo é muito heterogêneo, pois há aqueles que enxergam apenas 1% e, portanto, poderiam ler apenas em Braille, e os que enxergam 30% e podem utilizar livros com letras maiores.

A falta de informação é ainda o principal problema que Maria Cristina percebe em relação ao Braille. "Muitos professores acham que é simples ensiná-lo a um aluno cego. No entanto, a alfabetização com esse sistema tem suas especificidades, e o professor, para realizar essa tarefa com êxito, tem de buscar ajuda", explica a especialista.

Hoje institutos como o Benjamin Constant, o Dorina Nowill e muitos outros pelo país oferecem programas de capacitação em Braille e dispõem de vasto material sobre o assunto.

Professor, você trabalha com o sistema Braille? Se a sua escola promove a inclusão social nessa área envie-nos um e-mail para [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br) e descreva a experiência do seu cotidiano educacional. Queremos saber como essa prática tem contribuído para a aprendizagem dos alunos cegos.

Colaboração: Richard Günter

Fonte: Nova Escola ([revistaescola.abril.com.br](http://revistaescola.abril.com.br))  
Instituto Benjamin Constant ([ibc.gov.br](http://ibc.gov.br))



# Hora do café... filosófico!

Avaliação e crítica do conhecimento são bases de reflexões sobre temas variados



A partir da inquietação de alguns alunos em uma discussão numa rede social, onde o assunto era ciência e fé, o Colégio Estadual Erich Walter Heine em Santa Cruz aproveitou a oportunidade e a necessidade do seu corpo docente e criou um projeto pedagógico chamado *Café Filosófico*, que tem por objetivo promover o pensamento crítico através de debates sobre a filosofia, terreno fértil que acomoda grandes assuntos.

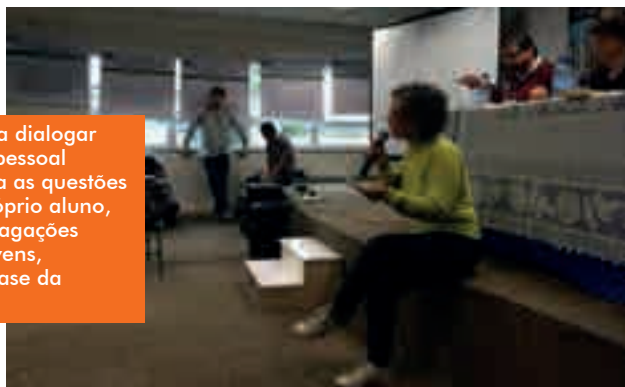
Ao trazer para a escola essa atividade, os educadores responsáveis, como forma metodológica de construção da atividade, pediram que os próprios alunos pensassem nas temáticas para serem abordadas em roda. Nessa dinâmica, surgiu o nome "Café Filosófico", que no mesmo instante foi batizado como a alma do projeto. Dentre os temas sugeridos por eles estão "arte", "o papel do homem no mundo" e "fé e razão". Aliado a essa vontade, o corpo docente pensou em

algo que sensibilizasse os alunos, apresentando atrações artísticas e a participação de convidados especiais externos. Também foi proposto que o próprio aluno fosse protagonista, participando na mesa de debates com um tema por ele sugerido. Atualmente, estudantes da própria unidade escolar e graduandos de filosofia de universidades públicas participam do evento mediando os assuntos escolhidos por eles, dentro da temática proposta pela escola.

Para o ex-aluno do Erich W. Heine e atual estudante de filosofia da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) Davi Salles, o *Café Filosófico* é uma das respostas possíveis ao que vem se tornando, hoje no Brasil, um fenômeno educacional, que é o de se considerar o ensino técnico como o aspecto principal em uma atmosfera educativa devido à sua "funcionalidade", que é muito importante para a profissionalização dos estudantes. "O projeto no colégio toca o que é próprio da



O evento oportuniza dialogar acerca da vivência pessoal colocando em pauta as questões da existência do próprio aluno, dando vazão às indagações comuns entre os jovens, principalmente na fase da adolescência



Filosofia mesmo. Mas o que se ganha com isso? Que diferença faz para os estudantes? Bem, talvez dizer que o evento movimenta a maior parte da escola quando acontece, que os alunos participam por prazer, que o evento é uma abertura às novas ideias e desconstruções de antigos preconceitos, não seja o bastante. Tenho motivos ainda para ter esperança de que a educação pública ainda contará com iniciativas inovadoras, sensíveis e humanitárias”, enaltece Davi.

Já para um dos coordenadores do projeto e também associado da Appai, o educador Paulo Rogério Sequeira, lecionar Filosofia no Ensino Médio é um desafio, pois se trata de uma disciplina provavelmente nunca antes vista pelo aluno, até então desconhecida para ele. “No ensino superior, ensina-se a um estudante que está ali para aquilo, que já tem um conhecimento prévio e interesse em ampliação de horizonte neste campo de saber. No Ensino Médio o desafio se encontra em fazer com que o aluno perceba a relevância de tal forma de pensamento para o mundo e em seu próprio cotidiano. Os desafios surgem a partir daí, ou seja, da necessidade de utilização de recursos variados para promover a percepção de sua importância primeiramente, para depois desenvolver certas habilidades exigidas no ensino básico”, ratifica Paulo.

Em linhas gerais, a filosofia no Ensino Médio tem por função fazer com que o aluno aprenda a pensar de forma criteriosa, autônoma e crítica. Ser capaz de dialogar com o mundo em que vive, com questões de sua própria existência, que sempre aparecem mais cedo ou mais tarde, principalmente na adolescência, que é uma fase de questionamento recorrente. Estiveram à frente deste projeto os educadores Paulo Rogério Sequeira de Carvalho e André Silva de Araújo (Filosofia); Davimara da Rocha Setti e Sylvania Helena Arcuri (Língua Portuguesa); e Carlos Alexandre dos Passos Telles (Artes).

## PANORAMA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

O conteúdo abordado no Ensino Médio é geral e relativamente abrangente. Aborda primeiramente o conceito de Filosofia e, após esta introdução, entra-se propriamente na história da disciplina, onde são apresentadas concomitantemente as principais ideias filosóficas desenvolvidas ao longo do tempo. É possível seguir uma linha temática, com assuntos variados, entre eles Epistemologia, Lógica, Filosofia das Ciências, Filosofia da Arte, Ética e Filosofia Política. Todos esses conteúdos são fundamentais para uma formação humanística completa, baseada na liberdade e também na responsabilidade. “Espera-se que ao longo dos três anos do Ensino Médio o aluno, ao menos, perceba o quanto essa formação é necessária para que leve uma vida mais refletida e consciente a partir daí. Que ele perceba a contribuição e importância da Filosofia para a formação do mundo ocidental, que é o contexto no qual vivemos, sem, é claro, diminuir a importância do que o Oriente também produziu. Busca-se formar um cidadão consciente, reflexivo e verdadeiramente pronto para a vida”, finaliza Paulo Rogério Sequeira.

Colaboração: Richard Günter

Colégio Estadual Erich Walter Heine  
Rua Manoel Lourenço dos Santos, s/nº  
Santa Cruz – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 23560-320  
E-mail: ceerichwheine@gmail.com  
Direção: Valnei Alexandre da Fonseca  
Fotos cedidas pela escola



# Teatro em sala de aula: u

Docentes introduzem as Artes Cênicas como um viés a mais na expansão do conhecimento

**O**lhar com atenção, perceber, contemplar. Ter uma experiência intensa, envolvente, meditativa, inquiridora, a fim de descobrir o significado mais profundo: uma cuidadosa e deliberada visão que interpreta seu objeto. Essa é a definição da palavra teatro, do grego *théatron*, segundo a Enciclopédia Britânica. Esse espaço, ainda a ser conquistado na educação, tem se revelado um grande benefício quando praticado em sala de aula.

No Brasil, existe um número reduzido de instituições de ensino que inserem a atividade teatral em suas escolas, algumas apresentando o Teatro no currículo, outras em forma de oficinas. Embora existam educadores que acreditam na força que essa atividade possui para promover a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, ainda há um grande número de escolas que não aceitam, não acreditam e não dão o devido valor ao exercício teatral no processo educativo dos estudantes. Exemplo totalmente oposto é o do Colégio Estadual Walter Orlandini, localizado em São Gonçalo, que a cada ano desenvolve um novo projeto voltado às Artes Cênicas.

O ator e animador cultural da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro Fernando Mattos vem aplicando um projeto pedagógico que se baseia em Oficinas de Teatro para grupos de interesse. A cada início de ano letivo, são abertas inscrições em horários diferenciados para alunos, ex-alunos e comunidade. Esse processo, que visa promover cultura e aprendizagem, tem feito toda a diferença na unidade escolar.





# Um espetáculo educacional

Durante os ensaios são trabalhados aspectos essenciais ao ator, como interpretação, corpo e voz, todos voltados à atuação verdadeira, buscando, através dos sentidos, um maior funcionamento do ator como um todo

Durante quatro meses de exercícios cênicos, com sugestões da coordenação pedagógica da escola e da coordenação regional, são elaboradas *performances* temáticas voltadas para questões de utilidade pública, como a violência contra a mulher ou os malefícios das drogas, por exemplo. “Chegamos ao momento em que cada oficina tem a opção de bifurcar-se em grupos que ensaiam montagens teatrais para culminar em um grande festival de teatro no final do ano letivo”, revela Fernando. Nas articulações para a escolha das montagens, os alunos das oficinas definem entre si o diretor, os textos e todos os envolvidos na carpintaria cênica (cenógrafo, figurinista, sonoplasta, trilha original etc.), se tornando um grande exercício de liberdade e responsabilidade.

No Festival Interno de Teatro do Colégio Estadual Walter Orlandini (Festincewo) há um time de peso atuando como jurados, recrutados entre ex-alunos, professores e militantes de artes cênicas. Neste ano de 2016, o evento completa sua oitava edição consecutiva. Através desse festival, oficializou-se um movimento cultural intitulado “Expressarte Verbalizando” do qual resultaram grandes espetáculos, que no ano seguinte eram apresentados para as turmas da própria escola e outras a partir de convites, além de participação em festivais externos, como foi o caso da peça “O Alienista”, de Machado de Assis, que em 2015 participou do Paschoalino da Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro (Fetaerj), no qual Michael Alves, ex-aluno da unidade escolar, ganhou o prêmio “Revelação Artística” pela direção do espetáculo. Foram também honrosamente selecionados para o Festival de Teatro Estudantil (Feto), em Belo Horizonte/MG.

Para Fernando, o que poderia ser apenas um prêmio aos bons alunos, o de participar livremente de um grupo de

Para este ano, os alunos do C.E. Walter Orlandini pretendem se aprofundar nos estudos de produção, desde montar um projeto no papel até possibilitar sua plena produção



interesse, traz em si uma série de direitos e deveres que se somam à prática educacional. Além de todos os benefícios que a arte cênica proporciona ao aluno, como desinibição, sociabilização, desenvolvimento da organização, imaginação, concentração e observação, ela também fortalece sua cidadania e solidifica um elo fundamental com a escola, firmando com ela um compromisso ao ingressar na oficina de teatro. Para participar da atividade, o aluno deve estar em dia com todas as suas obrigações com as disciplinas da grade curricular.

Fortalecer dia a dia a prática das artes cênicas, fomentar a organização de alunos, ex-alunos e comunidade, além da formação de plateia, são práticas que têm redundado em efeitos concretos, como por exemplo a lotação do auditório nos festivais, o que tem servido para aumentar a visibilidade da escola, que já era muito bem avaliada. Após o terceiro Festincewo o grupo foi contemplado com a ida ao Grande Festival Martins Pena de Teatro Amador, no teatro Laura Alvin em Ipanema, no qual encenaram o espetáculo "Os Irmãos das Almas". A partir dessa oportunidade foram possíveis novas apresentações, inclusive no Salão do Livro das Escolas Públicas do Estado do Rio de Janeiro, onde puderam ser assistidos pelo então Secretário de Educação Wilson Risolia, fato que culminou com a escolha da escola para a parceria com o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Sob a batuta de


nomes como o da cineasta Carla Camurati, do maestro Silvio Viegas, dos cantores Maurílio Santos e Maître Érick Frederick, foi apresentado o universo lírico aos alunos do grupo teatral na 1ª Semana de Artes, com a execução da sinfonia alemã "Primavera nº 1". "Desta experiência única solicitamos e fomos atendidos com a climatização de nosso auditório e a doação de poltronas. Em um espaço mais aconchegante podemos receber melhor nosso público, pais e amigos", ratifica Fernando.

Os objetivos do movimento teatral realizado pela animação cultural na escola estão constantemente sendo ampliados, baseando-se na inclusão do aluno no ambiente escolar de forma sadia e prazerosa, proporcionando iniciação no mercado da economia criativa e consolidando cada vez mais condições de continuidade na prática, independentemente da área por que optem no ensino superior. Atualmente, todos os esforços estão sendo para oficializar juridicamente a Associação do Movimento Cultural Expressarte Verbalizando, para tentar os editais de incentivo à cultura. "Se o fazer teatral pode se somar à vida desses jovens, seja no magistério, psicologia, direito, publicidade ou mesmo na própria indústria da cultura e entretenimento, os objetivos estão sendo alcançados. A única exigência para todos é o lema do grupo: nunca parar de se aperfeiçoar, na arte, nos estudos e na construção do melhor de nossa humanidade", enaltece o coordenador do projeto.

A metodologia aplicada é a mesma de qualquer oficina de teatro levada a sério, diz Fernando. Jogos de desenvolvimento das capacidades do ator, sociabilização, concentração, imaginação, observação, projeção vocal e dicção, consciência corporal e do espaço cênico, improvisação e leitura dramatizada. Após cerca de quatro meses de teoria aplicada na prática, os alunos são motivados a se organizar em ensaios de montagens, escolhendo texto, diretor e toda a equipe. De leituras brancas às apresentações, vão exercitando toda a ação cênica. Para 2016, pretendem se aprofundar nos estudos de produção, desde montar um projeto no papel até possibilitar sua plena produção.

Para a aluna do 3º ano Érika de Mello da Silva Almeida, de 16 anos, o teatro a fez enxergar as coisas de uma maneira diferente. "Me fez encarar o mundo com um olhar crítico e ao mesmo tempo artístico, colorido. Os personagens e as peças que eu fiz me levaram a ter uma visão que, antes, eu nem sonhava ter. O teatro me fez viver mais, me fez aprender mais e eu agradeço a Deus por fazer parte desse sonho que é o palco", exalta a estudante. Já para Felipe Moraes, de 21 anos, ex-aluno da Estadual Walter Orlandini e atual estudante de Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), o festival é como se fosse uma aula. A cada espetáculo, a cada dia, a cada ensaio, uma nova aprendizagem com o texto, com a leitura, com as pesquisas e com os colegas do grupo: "O ponto alto do Festincewo é

exatamente essa oportunidade que nós temos de aprender a cada dia mais sobre o outro e compreender os limites de cada um. Nossa felicidade é ter esse teatro dentro da escola porque é ele que nos faz crescer como pessoa, como cidadão, como alguém que



A companhia de teatro Você Sabe Quem Cia de Teatro, de Diego Fogassi Carvalho, teve a peça "A boneca Dorothy" como estreia do grupo, apresentada para mais de 100 crianças em Pelotas, no Rio Grande do Sul

vê o mundo de uma outra forma. Creio que todos os jovens que passam, que estão e que passarão por este espaço sempre vão ter essa visão depois que entrar. A mente muda, nos observamos como seres que têm valor na vida. O espaço nos insere no mundo como pessoas que pensam, que agem, que fazem e que crescem. A melhor coisa dentro do nosso espaço é a união e a troca que ocorre entre todos”, enfatiza o graduando.

Sempre ao final de ano letivo é realizado o Festival Interno de Teatro do Colégio Estadual Walter Orlandini (Festincewo), com ingresso nunca obrigatório, tendo toda a sua renda revertida para a confecção de troféus, certificados e manutenção do espaço e do grupo.

plementaridade das diferenças. A atividade teatral ensina aos educandos a aprender com a diversidade, pois somente assim é que pode ocorrer a construção do conhecimento do sujeito”, pontua Dolci.

Atualmente, vive-se uma época de comunicação ostensiva, extensiva e impulsiva e o Teatro desenvolve nos alunos a expressividade. De acordo com Reverbel, “é preciso lutar para que o Teatro tenha seu lugar na Educação, porque, se ele existe na sociedade, deve existir na escola”. Para Luciana, ele é o caminho para as escolas atingirem uma integração entre os sujeitos de forma criativa, produtiva e participativa, é um recurso pedagógico eficaz no desenvolvimento do educando que o prepara para discernir os problemas que ele enfrentará na sua trajetória de vida.

Para Diego Fogassi Carvalho, licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) e mestrando de Educação pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul),

## No mundo das Artes Cênicas

Utilizar o Teatro como um aliado à educação é algo que oportuniza aos educandos um conhecimento diversificado e lúdico, instalando um clima de liberdade onde o aluno libera as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para o praticante. Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo. É uma atividade artística que permite ao aluno se expressar, explorando todas as formas de comunicação humana. O Teatro amplia o horizonte dos estudantes, melhora sua autoimagem e colabora para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vivem.

O educador que deseja lecionar as Artes Cênicas impreterivelmente precisa se posicionar por uma educação que apresente um programa de estudos e vivências com a atenção voltada muito mais para as integrações de significados do que para a mera acumulação de conhecimento, fomentando no educando a produção de sentidos e significados.

Para Luciana Netto Dolci, assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC/RG, o Teatro a serviço da educação oferece ao aluno o ensejo de valorizar-se, de integrar-se harmoniosamente a um grupo, aumentando o senso de responsabilidade, e o sucesso do trabalho se dá devido à soma dos esforços de todo o conjunto. “É o momento em que ocorre o desenvolvimento de cada um e do grupo, fundamentado na com-



o ensino de teatro já deveria acontecer, pois já existe a obrigatoriedade dentro da disciplina de Artes, conforme o Projeto de Lei 7.032/10, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/96). “Acredito que o ensino de teatro na escola é e sempre foi importante para a formação do homem. Seus instintos naturais sempre foram de se expressar com o corpo, e o teatro vai de encontro a isso desde tempos antigos. Torna-se mais importante ainda nos dias de hoje onde o pensamento está preso dentro de um sistema rígido e frio. O ensino utilizando o teatro foi bastante reconhecido no Parâmetro Curricular Nacional (PCN) quando é citado o conto de Eduardo Galeano intitulado Diego e o Mar: “O menino, ao ver a grandeza do mar e nunca tendo visto anteriormente, pede ao pai que o ensine a enxergar”. De tal forma é a importância do teatro, precisamos ensinar por meio da arte, ensinar a sociedade a enxergar e a ver as maravilhas do mundo e do outro”,

ratifica Diego. Para quem deseja seguir esta carreira, o mestrando ainda destaca a importância das inúmeras bolsas e projetos existentes, citando principalmente a do Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), que lhe possibilitou entrar em contato com outros alunos e profissionais de outras áreas, pensando formas interdisciplinares de estar em sala de aula.

## Como trabalhar Teatro em sala de aula

Fonte: *Ministério da Educação, Educa Rede, Escola de Atores Wolf Maya e Casa de Artes de Laranjeiras (CAL)*

A oportunidade de trabalhar com peças teatrais, além de aguçar a criatividade, o interesse e o espírito crítico dos alunos, pode trazer bons resultados com relação à leitura, à expressão oral, à integração da classe e apreensão dos conteúdos veiculados nos textos.

Para um bom trabalho, é necessário introduzir as noções do que é teatro, como se monta uma peça, o papel do diretor, dos atores, do cenário, do figurino, da sonoplastia. O autor da peça indica o roteiro, que proporcionará uma base a ser interpretada, bem como os personagens que são apresentados.

Ao estudar a peça e preparar sua encenação, cada um dos envolvidos vai realizando sua recriação. Por exemplo, como será determinada fala: alegre, triste, melancólica, serena, raivosa; e o cenário será figurativo? É necessário que o texto teatral seja lido de forma dramatizada. Esclareça o que isto significa e faça um exercício com a classe toda, empregando a leitura de um trecho de um dos livros escolhidos aleatoriamente.

Diga a seus alunos que leiam em casa a bibliografia indicada ou outro texto teatral que você selecionou e marque um dia para realizar a atividade. Reúna os alunos em pequenos grupos e proponha que pesquisem e discutam o texto: quem é o autor, em que época foi escrito, quando foi editado e por quem, quem são os personagens principais, que problemas enfrentam, como se desenvolve o enredo, que temas abordam, entre outras questões.

Combine com os grupos leitura em voz alta propondo bastante entonação em alguns trechos dos textos escolhidos. Outra possibilidade é organizar com os alunos um festival de teatro na escola. Durante uma semana, ou quinze dias, dependendo do que foi combinado com professores de outras áreas, com respeito à disponibilidade



## Glossário do Teatro

**Ator/atriz:** representa uma personagem.

**Cenário:** conjunto de materiais e efeitos de luz, som, formas, que servem para criar um ambiente propício para a peça teatral.

**Cenógrafo(a):** cria o cenário.

**Coreógrafo(a):** cria a sequência de movimentos, passos e gestos das personagens.

**Diretor(a):** responsável artístico pela peça teatral. Integra e orienta os diversos profissionais.

**Dramaturgo:** escritor que compõe peças teatrais.

**Figurinista:** responsável pelas roupas e acessórios utilizados na peça teatral.

**Iluminador(a):** concebe e planeja a colocação das luzes em uma peça teatral.

**Maquiador(a):** responsável pela pintura do rosto ou do corpo dos atores e atrizes.

**Mímica ou pantomima:** peça em que o(a) ator(atriz) se

manifesta por gestos, expressões corporais ou do rosto, sem utilizar a palavra.

**Peça:** texto e/ou representação teatral.

**Personagem:** o papel representado pelo ator ou pela atriz.

**Plateia:** espaço destinado aos espectadores.

**Rotunda:** pano de fundo de flanela, feltro etc.

**Saltimbanco:** artista popular que se exhibe em circos, feiras, ruas, percorrendo diversas cidades.

**Sonoplasta:** compõe e faz funcionar os ruídos e sons de um espetáculo teatral.

**Teatro:** palco onde se representam peças; coleção das obras dramáticas de um(a) autor(a), de uma época ou de um país.

**Teatro de bonecos:** aquele em que se fazem representar marionetes ou fantoches.

**Titeriteiro:** aquele que movimenta o fantoche ou a marionete.

**Trupe:** grupo de artistas.

de tempo e local, todos encenarão a peça para os seus familiares, amigos e colegas de outras classes.

Essa montagem tem de ser “profissional”, com direção, atores, cenário, sonoplastia, figurino, entradas, confirmação de presença etc. Afinal, os estudantes vão virar “artistas” no festival.

Ressalte que não só os atores são importantes, pois a montagem é um processo coletivo e o sucesso depende da equipe. Dê início aos ensaios. Fique atento para que essa atividade seja realmente levada a sério. Marque a data das apresentações.

Cada grupo deverá fazer os convites para a peça, ilustrando-os com motivos ligados ao tema da encenação. Para tal, oriente-os sobre as informações que deverão constar. Também deverão confeccionar cartazes para serem espalhados na escola, criando um clima de pré-estreia, envolvendo todo mundo.

Marque um último ensaio para cada grupo, que deve ser feito com a presença de público (outra classe, por exemplo), que poderá opinar sobre aspectos que podem ser melhorados. Finalmente, é importante realizar um ensaio geral, o último antes da estreia. Depois das apresentações, como conclusão e parte da avaliação, pode-se propor que cada aluno elabore uma crítica da peça, dizendo o que achou, se gostou, quais os pontos fortes e fracos.

Se você julgar necessário, apresente um esquema com os itens de que devem tratar e leia com eles alguns recortes de jornal ou revistas com críticas que possam ser utilizadas como referência.

## Indicações de leitura sobre o tema



• Auto da Compadecida (Ariano Suassuna, 192 págs., Ed. Nova Fronteira):

Poucos alunos vão saber, mas a peça (de 1955) precede o filme (de 2000) e a versão estendida para a TV. Trabalhar essa obra em sala é uma excelente oportunidade para um estudo comparativo e compreensão das particularidades dos gêneros envolvidos nas adaptações.



• Édipo Rei (Sófocles, 112 págs., L&PM Editores):

Esse texto é essencial para entender o surgimento do Teatro, o conceito de tragédia e identificar estruturas presentes na dramaturgia atual, inclusive no cinema e na televisão. Foi considerada a tragédia perfeita pelo filósofo grego Aristóteles.



• Romeu e Julieta (William Shakespeare, 160 págs., L&MP Editores):

Clássico que faz parte do “inconsciente coletivo”. Quase todos conhecem pelo menos superficialmente a história, mas somente a leitura compartilhada poderá elucidar personagens e enredo em seus detalhes.



• Dicionário de Teatro (Patrice Pavis, 515 págs., Ed. Perspectiva): Em seus verbetes, traduzidos por professores e pesquisadores desse campo, são sintetizadas e discutidas questões da dramaturgia, da encenação, da estética, da semiologia e da antropologia da arte dramática, o que constitui o saber sobre a história, a teoria e a prática da criação teatral.



• Lado A, Lado B (Marcelo Aquino, 128 págs., Ed. Livros Ilimitados)

Esta obra reúne duas peças teatrais, cada uma com temática e tom completamente distintos da outra. O ponto em comum entre elas é a perspicácia do autor em montar e contar suas histórias com contemporaneidade, bom humor, inteligência, sempre preocupado com a investigação cênica.



Atualmente, Fábio Rhoden prepara um novo espetáculo que entra em cartaz ainda neste semestre. Na foto abaixo, o ator encena ao lado da ilustre Lúcia Veríssimo, na peça "Usufruto", considerado um dos melhores espetáculos no RJ e SP, pela Revista Veja



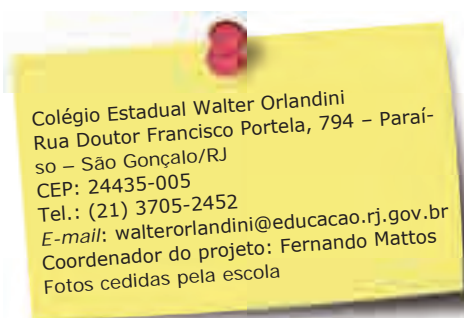
## Um exemplo do imaginário e da vida real

O jovem ator Fábio Rhoden, gaúcho de Bom Princípio, tem muita história para contar quando o assunto é teatro. Apesar de ter em seu currículo a participação em grandes novelas como Amor & Revolução (SBT) e Alto Astral (Rede Globo), é no teatro que sua carreira tem se destacado, como nas peças "Cidadão de Papel", indicada ao prêmio Coca-Cola na categoria melhor peça jovem em São Paulo, e Usufruto, ao lado da atriz Lúcia Veríssimo, na qual teve uma boa repercussão na crítica. A obra trazia diálogos ágeis e sarcásticos, com toques de humor e malícia, que destruíam conceitos e promoviam novas propostas sobre questões eternas, como amor, casamento, paixão e ética, sob uma ótica contemporânea.

Em uma entrevista exclusiva à redação da Revista Appai Educar, Rhoden revela que pisou pela primeira vez num palco aos 15 anos de idade e não parou mais. Indagado sobre a importância de as escolas praticarem teatro em sala de aula, Rhoden é enfático: "Para mim, a arte cênica deveria fazer parte da grade curricular de qualquer escola, em qualquer lugar do mundo. O universo da arte, do teatro mais especificamente, abre um leque de possibilidades, estimula a criatividade das pessoas, faz com que muitos deixem a timidez de lado e enxerguem o mundo com outros olhos. Eu acho incrível e apoio e muito", ratifica o ator.

Atualmente, Fábio está em fase de pré-produção para a peça "As loucuras que as mulheres fazem", ao lado da atriz Lidi Lisboa, além de se dedicar a sua carreira como cantor.

Colaboração: Richard Günter



Colégio Estadual Walter Orlandini  
Rua Doutor Francisco Portela, 794 - Paraíso - São Gonçalo/RJ  
CEP: 24435-005  
Tel.: (21) 3705-2452  
E-mail: walterorlandini@educacao.rj.gov.br  
Coordenador do projeto: Fernando Mattos  
Fotos cedidas pela escola

# Diversidade sempre, preconceito jamais

Iniciativa usa a redação e produção oral para tratar do respeito e diferenças entre as pessoas

Jéssica Almeida

A discriminação afeta a autoestima do estudante, o que se reflete no aprendizado e é uma das causas da evasão escolar. Sabendo disso, a Escola Municipal Dr. João Alves Martins, localizada em São João de Meriti, desenvolveu o projeto *Por uma convivência melhor* a fim de acabar com qualquer preconceito existente dentro e fora do ambiente escolar.

O professor de Língua Portuguesa Anselmo Saldanha conta que recebeu a proposta da equipe pedagógica da unidade educacional, liderada pela pedagoga Joelma, sob a direção de Márcia Alencar e Isabel Cristina, no início do 2º semestre de 2015. O intuito era desenvolver o projeto com a 9ª etapa da EJA. "Dividi a turma em seis grupos e sorteei alguns tipos de preconceito – contra deficientes, linguístico, racial, religioso, social e homofóbico – para trabalhar a produção escrita e oral através de teatro de fantoches", explica o educador.

Para dar início ao projeto, Anselmo pediu para a turma um texto narrativo que envolvesse o tipo de intolerância sorteada, utilizando discurso direto, humor e até cinco personagens. Com isso, foi dado início à produção oral. "Fiz a condução e orientação dos ensaios com os fantoches sema-

nalmente durante o último bimestre. Momentos úteis para despertar no discente suas responsabilidades, habilidades e, quiçá, vocações", explica o professor. Os cenários, textos e alguns bonecos foram confeccionados pelos alunos, que esbanjaram criatividade e liberdade de expressão.

O educador conta que, durante o dinamismo do processo, pôde observar que alguns alunos tinham problemas com o tema exatamente por terem sido vítimas ou agentes do preconceito trabalhado em seu grupo, tais como homofobia, racismo e julgamento depreciativo e humilhante da fala do outro. Oportunidade ímpar para esclarecimentos – que vinham, também, por parte dos colegas de sala de aula – e direcionamentos a um comportamento de cidadão respeitoso "por uma convivência melhor".

Com o trabalho em equipe, Anselmo abriu discussões de opiniões a respeito de socialização, solidariedade, consciência, humanidade e direitos para a construção do mundo e de si mesmo. Trouxe também o contexto real das práticas sociais dos estudantes para as atividades com a intenção de desenvolver suas potencialidades, aproveitando para observar e destacar as variações linguísticas, regras de coesão, coerência, oralidade, concordância, regência, entre outras previamente abordadas.





Professor e alunos trabalham o respeito e as diferenças entre as pessoas, através do teatro de fantoches

A aluna Elenice Campos Santos Marques conta que aprendeu muito com o projeto. “Falar a respeito da homofobia foi maravilhoso, pois, independente da orientação sexual de cada um, aprendemos que temos que ter respeito pelo próximo. Com minha experiência, pude fazer um integrante do meu grupo entender que pessoas merecem consideração acima de qualquer coisa, pois quando chegarmos ao fim da vida o destino será o mesmo para todos. Lá não haverá desigualdade seja ela qual for”, ressalta a estudante.

Elenice relata também que, na semana da apresentação do trabalho, um amigo sofreu violência verbal e física quando perceberam que era *gay*. “Infelizmente, pessoas sem pudor acham que outras – por serem homossexuais, de religião afro, evangélicas, espíritas, ateus ou até mesmo possuírem um sotaque diferente – perdem a moral ou a integridade. Espero que possamos lutar por um mundo melhor a cada dia, deixando o preconceito de lado para vivermos bem com nosso próximo, amando a cada um como a nós mesmos. Somos todos iguais, independente de sexo, cor, religião, raça etc. Agradeço de coração ao professor Anselmo, pois ensinou muito a respeito dos temas abordados neste projeto”, enaltece a aluna.

De acordo com Anselmo, o projeto – além de fazê-los aprender e agir criticamente – serviu para mostrar a importância da redação e produção oral por meio de assuntos polêmicos. “Observei, destaquei e incentivei a turma em relação às aptidões coletivas e individuais. No processo de ensino-aprendizagem, especialmente na EJA, precisamos – mais do que ouvir – dar voz àqueles que não puderam ou tiveram acesso à educação em idade adequada, viabilizando ferramentas para uma participação ativa, autônoma e ética”, finaliza o educador.

Escola Municipal Dr. João Alves Martins  
Avenida do Canal, s/nº – Vilar dos Teles  
São João de Meriti/RJ  
CEP: 25560-510  
Tel.: (21) 3752-3240  
E-mail: emdrjoaoalves@gmail.com  
Direção: Márcia Alencar e Isabel Cristina  
Fotos cedidas pela escola



## Sempre no pódio

*Escola pública é destaque no ensino de Matemática e alunos conquistam medalhas em diferentes Olimpíadas nacionais*

**I**mportantíssima para o sucesso dentro e fora da sala de aula, a Matemática ainda é uma disciplina temida por muitos estudantes. Na Escola Municipal Francis Hime a história é um pouco diferente. Lá, boa parte dos alunos não apenas gosta da matéria, como também aparece entre os mais premiados nas Olimpíadas de Matemática do país. Isso acontece graças ao trabalho diferenciado desenvolvido

pelo professor Luiz Felipe Lins e ao apoio da direção.

Aluno de escola pública, o docente sempre acreditou que seria possível transformar a vida dos estudantes através do ensino. Foi com este objetivo que há dez anos ele deu início ao projeto que utiliza jogos para estimular nos jovens o gosto pela disciplina e fazer com que eles percebam a aplicabilidade dos conceitos matemáticos na vida cotidiana.



Através do projeto, o professor Luiz Felipe Lins utiliza jogos para estimular nos alunos o gosto pela matemática



## Marcela Figueiredo e Jéssica Almeida

“A ideia era que os jovens tomassem gosto pelo aprendizado, assim eles entenderiam a matéria com mais facilidade. Para as atividades eu elaborei alguns jogos e às vezes peço para que os alunos os criem também. Dessa forma eles desenvolvem o raciocínio lógico e estratégias, habilidades necessárias para os bons resultados na disciplina”, conta o professor.

É assim, evitando o ensino baseado na decoreba, que nos últimos dez anos os alunos da Francis Hime conquistaram mais de 400 premiações em Olimpíadas de Matemática. Ao todo são 211 medalhas e 214 menções honrosas. “A Olimpíada de Matemática, na verdade, é um pretexto para que os alunos consigam projetar o futuro e mostrar que são capazes de alcançar o que desejam”, declara Luiz Felipe.

Além das premiações nas Olimpíadas, os estudantes são convidados a cursar o Ensino Médio em escolas particulares com bolsas de estudos, e hoje, de acordo com o levantamento feito pelo professor, mais de 50 ex-alunos ingressaram na universidade pública. “A Olimpíada mexe com a autoestima deles, que começam a querer ser bons em tudo que fazem e percebem que precisam aprender Língua Portuguesa e Inglês, seja para interpretar os problemas ou para estudar no exterior com bolsa do Ciência Sem Fronteiras. Isso faz com que eles tenham bons resultados em outras seleções”, avalia.

Em entrevista ao canal Multirio, o medalhista Marlon Carvalho contou como o projeto desenvolvido na escola foi importante para o seu aprendizado: “A Matemática me influenciou em todas as matérias, porque com o desenvolvimento do raciocínio lógico você consegue entender mais sobre História, e a Geografia passa a fazer mais sentido”, explica.

Durante as aulas, o professor também faz uso de recursos tecnológicos, como videoaulas e datashow. As premiações são revertidas em melhorias para as salas de aula e assim os alunos dispõem de melhores condições para estudar. Outro aspecto interessante do projeto é que não existe uma hipercompetitividade interna entre os jovens. Todos querem ganhar, mas ao mesmo tempo eles gostam quando outros estudantes são premiados.

Marcia Freitas, diretora da escola há 16 anos e também professora de Matemática, diz que o incentivo da direção aos projetos que buscam incentivar o desenvolvimento dos alunos é fundamental para os bons resultados e revela como consegue fazer com que sejam destaque nas competições: “Nós procuramos criar as condições ideais para que o aprendizado aconteça: abrimos a escola aos finais de semana para os treinamentos, fazemos murais,

compramos medalhas e trabalhamos como fiscais nas competições internas. Temos que parar de esperar pela ajuda dos outros, nós temos que arregaçar as mangas e dar o pontapé inicial. As escolas que desejam que seus alunos se destaquem precisam ter boa vontade. Que não seja somente em Matemática. Que sejam realizados bons trabalhos em História, Língua Portuguesa ou em modalidades esportivas!”.

## Time de futebol troca número das camisas por equações matemáticas



Para minimizar esse sentimento que a Matemática traz para a maioria dos alunos, os jogadores da seleção de futebol romena também estão dando a sua contribuição nas exatas do gramado. Todo o time usou camisas que traziam equações matemáticas nas costas, ao invés dos tradicionais

números. O uniforme foi utilizado durante o aquecimento para um amistoso contra a Espanha. O jogador da camisa 10, por exemplo, vestiu a camisa com o problema matemático  $6 + 4$ . Já o camisa 6 substituiu o número por  $2 \times 2 + 2$  e assim por diante, como você vai notar na foto abaixo.

A ideia, que partiu da própria Federação de Futebol, com o governo do país, tem como objetivo mostrar a importância do incentivo à educação na Romênia, além de chamar a atenção dos jovens para o aprendizado. De acordo com o jornal britânico The Guardian, dados divulgados em 2014 constatam que 18% das crianças romenas abandonaram a escola. É o pior índice entre as 28 nações da União Europeia.



O presidente da Federação Romena de Futebol, Răzvan Burleanu, explicou que, por meio dessa ação, eles esperam que as crianças possam se interessar por Matemática. “Precisamos olhar para os esportes e para a educação não apenas como complementares, mas como elementos fundamentais na integração e aperfeiçoamento delas”, conclui.

Professor, essa é uma ideia lúdica e funcional, que pode ser aplicada em conjunto nas aulas de Educação Física e Matemática. Seus alunos vão adorar e se sentirão desafiados e motivados. Se possível, aplique essa ideia na sua escola e depois envie um *e-mail* para a nossa redação ([redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)) contando como foi essa experiência. Vamos adorar saber!

Escola Municipal Francis Hime  
Estrada do Pau da Fome, 196 – Jacarepa-  
guá - Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 22723-497  
Tel.: (21) 3412-8281  
Diretora: Marcia Freitas  
Fotos cedidas pelo professor Luiz Felipe

Fonte: Catraca Livre / Fotos: Reprodução



Uma mulher à  
frente do seu  
tempo e ao  
lado da história

# Frida Kahlo vive!

Confira na reportagem a sugestão para trabalhar em sala de aula e proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer a vida de Frida Kahlo, visando ampliar o capital cultural do corpo discente que tem demonstrado muita sede de conhecimentos, além de aguçar a criatividade que está em ebulição. E aos educadores cabe facilitar essa caminhada por novos mundos.

A artista, representante do movimento surrealista mexicano, deixou 143 trabalhos produzidos ao longo da vida, sendo os temas principais a identidade, o corpo, a

maternidade, a família, a cultura e o mundo dos sonhos. Através da temática é possível trabalhar em sala de aula diversos assuntos levando aos alunos estudos históricos e culturais, que nas obras de Frida aparecem em alto teor.

Por meio dos detalhes nas obras produzidas é possível definir que elas são dotadas de uma significativa importância histórica, de acordo com Galciani Neves, coordenadora da Ação e Pesquisa Educativa do Instituto Tomie Ohtake, responsável no Brasil pela exposição "Frida Kahlo: Conexões entre mulheres surrealistas no México". Ela cita 4 pontos específicos para exemplificar:

## 1 – TRANÇAS

A artista se autorrepresentava com o cabelo preso em formato de trança ao alto da cabeça na maior parte das obras que criava. Este penteado só era usado por mulheres consideradas poderosas de tribos ameríndias do México. As demais usavam cabelo solto e Frida aderiu às tranças. Assim, além de representar hábitos locais, também determinava, para as pessoas que a vissem, como ela mesma se enxergava.

## 2 – CULTURA

A pintora é importante historicamente exatamente por ter transvestido a cultura do país. Se Diego Rivera (seu marido) pintava os grandes fatos históricos de maneira monumental nos murais, Frida trajava roupas típicas e demonstrava uma mistura intensa da diversidade cultural mexicana.

## 3 – UM GÊNERO DA PINTURA

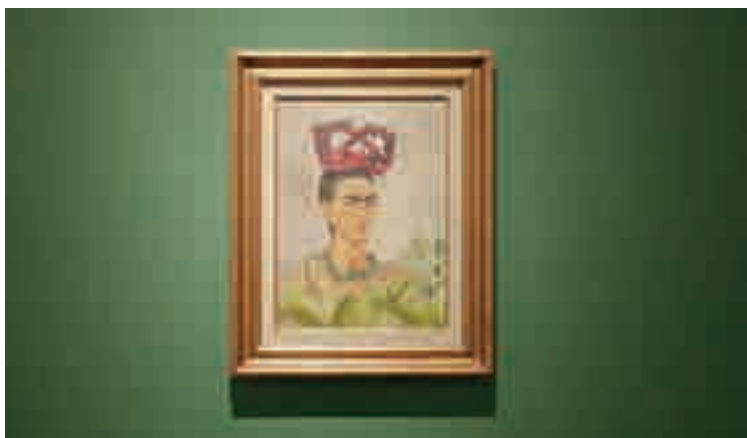
Assim como algumas outras artistas mexicanas, Frida revestiu-se de grande importância ao subverter um gênero. O maior exemplo disso foi a natureza-morta ter sido chamada por ela e outras artistas de "natureza-viva". Elas pintavam telas em que representavam frutas tropicais, muito coloridas e que traziam uma insinuação de sexualidade muito grande. Por isso, acreditavam que não poderiam dar o nome de natureza "morta" para esse tipo de composição.

## 4 – CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE MEXICANA

Outro motivo para as obras de Kahlo gozarem de grande importância histórica é a construção de vários personagens. Eles são construídos dependendo do momento e das inquietações, e servem muito bem para traçar uma espécie de presença frente ao outro, com possibilidade de encará-lo e afirmar possibilidades de um engajamento político e cultural. Assim, ao representar elementos como os *pueblos* e a paisagem mexicana, Frida consegue imprimir grande multiplicidade de percepções em cada uma de suas telas.

Para a coordenadora, isso é o mais interessante das obras expostas.

Mas as obras de Frida Kahlo vão além, pois elas podem propor pensamento crítico sobre feminismo, identidade racial e diversidade. Em uma entrevista exclusiva à redação da Revista Appai Educar, o especialista em mídias na Educação e Mestre em Gestão Educacional, Leonardo Rocha, traz para os professores uma sugestão pedagógica, dentro da temática, a ser aplicada com as turmas na escola.



O projeto intitulado *Os autorretratos de Frida Kahlo nos anos iniciais* tem como objetivo desenvolver o conhecimento sobre si próprio e sobre o outro. Para isso a atividade será composta pelos seguintes tópicos:

- Conhecer a história da artista Frida Kahlo
- Reconhecer as partes que compõem o rosto e sua cor de pele a partir da observação em espelho
- Confeccionar um autorretrato
- Representar o colega em um retrato
- Comparar o retrato feito pelo colega e o autorretrato
- Organizar um painel com a obra confeccionada
- Valorizar as manifestações artísticas realizadas por si mesmo e pelos colegas

Para realizar esse projeto, a metodologia foi dividida em 7 partes:

## 1º MOMENTO

Contação da história podendo ser realizada a partir da leitura do livro, ou apenas com a utilização das imagens. Utilize recursos para contextualizar Frida, como Mapa Múndi/Globo e reproduções de sua obra.

**Sugestões de discussões:** diferenças da vida escolar de Frida e dos alunos; diferença da estética de Frida e das mulheres hoje; diferenças culturais.

Obs.: a história de Frida é densa e você, enquanto professor, deve saber até onde explorar a maturidade da turma e a cultura organizacional em que você está inserido.

## 2º MOMENTO

Levar 1 espelho grande para a sala, ou utilizar vários pequenos, incentivando que os alunos se olhem e descubram as diferenças e recorrências de seu rosto, como: ter normalmente 2 orelhas, 2 olhos, uma boca, um nariz. Além de pontuar as diferenças como cicatrizes, pintas, cor de cabelo, de pele etc.

## 3º MOMENTO

Propor a partir da obra de Frida que os alunos produzam seus próprios autorretratos. Utilize como apoio o espelho grande, ou os pequenos, para que eles possam ter a referência de como são.

**Sugestão:** como forma de potencializar a atividade, a utilização de giz de cera com tons de pele é interessante para que os alunos procurem a sua cor discutida em momento anterior. Incentive a que eles coloquem o lápis sobre a pele e vejam se é parecido.

## 4º MOMENTO

Montar duplas com as mesas para que os alunos fiquem de frente um para o outro e propor que façam o retrato do colega. Se for em turma de alfabetização incentivar a que escrevam o nome do colega utilizando crachás (feitos de papel) ou pedindo que ditem as letras, além de assinar a obra no canto.

## 5º MOMENTO

Pedir que os alunos comparem as igualdades/diferenças a partir do seu e de outros porta-retratos.

## 6º MOMENTO

Com um pedaço grande de papel pardo colar com o auxílio dos alunos os retratos e autorretratos, lado a lado, para fazer uma exposição.

## 7º MOMENTO

Fixar o cartaz em local de circulação da comunidade escolar e convidar outra turma, preferencialmente do mesmo nível, para visitar o painel e ouvir a explicação dos alunos sobre a forma de realização dos retratos e autorretratos.





## LIVRO SUGERIDO PARA TRABALHAR A TEMÁTICA NESTE PROJETO:

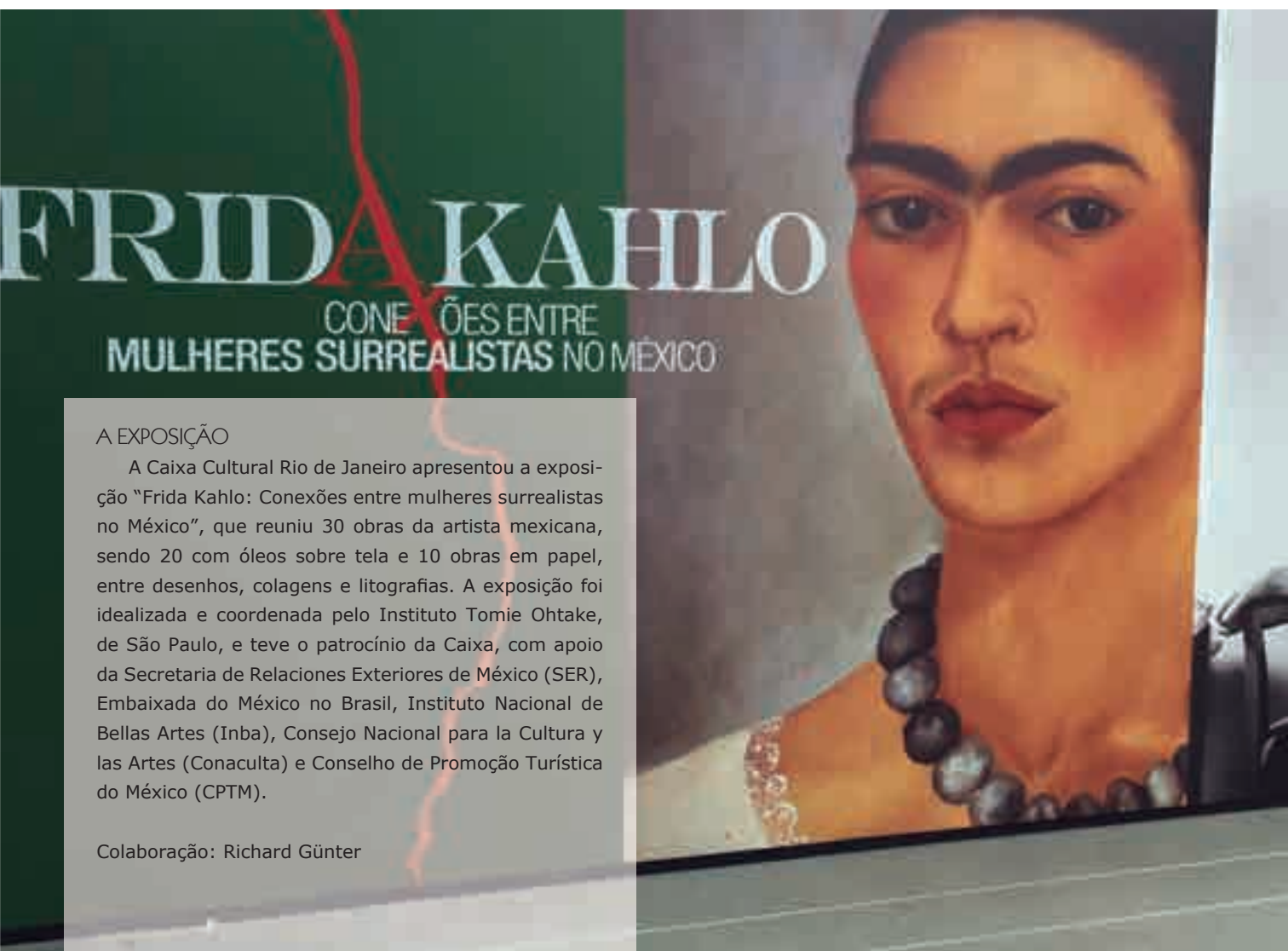
### · FRIDA KAHLO: PARA MENINAS E MENINOS

(Nadia Fink, 26 páginas, Editora SUR)

Este livro representa uma ótima ferramenta para debater feminismo, gênero, luta de classes, arte e história com meninas e meninos. Frida Kahlo é nossa primeira antiprincesa (ou princesa asteca, talvez): uma mulher que mostrou o corpo embora fosse manca, que pintou em uma tela os momentos mais tristes e mais felizes de sua vida, que, apesar de todos os seus sofrimentos físicos, procurou a arte, a alegria e lutou pelo bem do mundo não só para ela, mas também para muitas outras pessoas.

Nesta sequência, é possível perceber uma diversidade de possibilidades de trabalho com crianças dos anos iniciais. Agora caberá a você, professor, saber explorá-las dentro de sua área de estudo/interesse para problematizar, no caso, levando para a discussão a história e obra de Frida Kahlo.

Leonardo Rocha é Professor Alfabetizador da Rede Municipal de Porto Alegre/RS; Pedagogo pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Gestão Educacional pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).



### A EXPOSIÇÃO

A Caixa Cultural Rio de Janeiro apresentou a exposição "Frida Kahlo: Conexões entre mulheres surrealistas no México", que reuniu 30 obras da artista mexicana, sendo 20 com óleos sobre tela e 10 obras em papel, entre desenhos, colagens e litografias. A exposição foi idealizada e coordenada pelo Instituto Tomie Ohtake, de São Paulo, e teve o patrocínio da Caixa, com apoio da Secretaria de Relaciones Exteriores de México (SER), Embaixada do México no Brasil, Instituto Nacional de Bellas Artes (Inba), Consejo Nacional para la Cultura y las Artes (Conaculta) e Conselho de Promoção Turística do México (CPTM).

Colaboração: Richard Günter



# Da sala de aula ao espaço sideral

Sandra Martins

Projeto inovador leva alunos à conquista de prêmios na área científica

A implementação do estudo da Astronomia no Programa Ensino Médio Inovador (Proemi) do Colégio Estadual Canadá, de Nova Friburgo, impulsiona o prazer das pesquisas entre os secundaristas, que, além de conquistarem premiações em feiras de ciências, criaram um grupo temático na escola.

Mesmo sem um laboratório de Física, o Proemi, nesta disciplina, desenvolveu atividades diversificadas para estimular o aprendizado do estudante por meio de experimentos, eventos e

projetos na área de Astronomia em que ele fosse o protagonista da ação e o professor de Física, o orientador. Conforme o que determina o novo currículo, que trouxe como uma de suas inovações a introdução a essa disciplina, os conteúdos figuram em torno de temas como “estações do ano”, “fases da lua”, “evolução estelar”, “Big-Bang”. Estes tópicos são relativos ao primeiro ano do Ensino Médio, no qual habilidades e competências, relacionadas a tais conteúdos, devem ser desenvolvidas entre os discentes.

De acordo com Adriana Bernardes, coordenadora do projeto no colégio, a elaboração dos experimentos correspondeu a uma vivência “real de pesquisar e elaborar algo com o qual se poderiam explicar conceitos físicos. Foi uma oportunidade de conhecer essa disciplina de forma prática, o que nem sempre ocorre nas escolas”, disse, acrescentando que a interdisciplinaridade se deu envolvendo outro campo do saber, a História.

Os projetos desenvolvidos junto aos alunos foram: *Cosmologias Pré-Socráticas, das cosmologias antigas ao universo eterno*, que discutia as primeiras ideias referentes ao Cosmos surgidas na Grécia Antiga; *Herschell: do cientista ao telescópio*, que buscava a compreensão sobre o conteúdo Mecânica Ondulatória; além de astronomia de

forma interdisciplinar com *Ciência e Arte: a exploração do sistema solar*, que visava o conhecimento sobre os planetas a partir da arte, e *Astronomia no Filme Interestelar*, em que se debatiam temas como os buracos negros e de minhoca através de fitas, entre outros.

O empenho de todos rendeu bons frutos: o projeto *Herschell: do cientista ao telescópio* recebeu a primeira colocação na Feira Intercolegial de Ciência e Tecnologia (FICT) e o prêmio de Melhor Projeto de Ensino Médio da UFF na Exposição de Trabalhos da Região Serrana (ETTARSERRA); o projeto *Ciência e Arte: A exploração do sistema solar* conquistou o 2º lugar na FICT e *Cosmologias Pré-socráticas, das cosmologias antigas ao universo eterno*, menções honrosas em evento promovido pela UFF.

O outro bom resultado desta mobilização pedagógica promovida pela disciplina de Física foi a criação do Gacec – Grupo de Astronomia do Colégio Estadual Canadá. O seu objetivo é a divulgação desta ciência, não só na escola, mas na cidade de maneira geral. O grupo, com a orientação de Adriana, tem desenvolvido vários projetos: “Um dos trabalhos foi em parceria com o Projeto Internacional Solar Charlie Bates, no qual os estudantes, através de óculos especiais, podem observar o sol, incentivando assim seu interesse em estudar os astros. Eles ficaram encantados com a experiência. Fizeram inúmeras perguntas e discutiram o que estavam visualizando”, disse ao acrescentar que o trabalho pode ser acessado na página no Facebook – “Gacec”.



Em um dos projetos, os estudantes podem observar o sol, através de óculos especiais, incentivando assim seu interesse em estudar os astros



Colégio Estadual Canadá  
Rua Jardel Hottz, s/nº – Bairro Olaria  
Nova Friburgo/RJ  
CEP: 28625-180  
Tel.: (22) 2533-2051  
E-mail: cecanada@hotmail.com  
Coordenadora: Adriana Bernardes  
Fotos cedidas pela escola



# Olhar de raio X

Alunos testam ensinamentos teóricos e colocam em prática conhecimentos que garantem uma visão macro do futuro

Jéssica Almeida

Já imaginou uma casa inteligente e sustentável? Como ela seria? Para os alunos do Colégio Flama ela deveria funcionar através de energia solar. “Alimentada por uma placa ligada a uma bateria recarregável, a qual funcionará como um gerador para horas ou dias com pouca luz do sol, fazendo com que o gasto com energia elétrica seja bem menor ao final de cada mês”, explica o grupo.

Os autores do projeto *Casa inteligente e sustentável*, Fabricio Gonçalves, Hebert Richter Ferraz e Paulo Henrique Fernandes, todos da unidade de São João de Meriti, contam que a proposta é permitir que uma casa se torne automática em alguns acionamentos, como a iluminação do quintal, da varanda, o alarme interno (para promover a segurança), a luz do interior da residência e o portão, tudo pelo celular. “Além do exposto, também foi criado um filtro dentro da cisterna que recebe a água da chuva oriunda das calhas do telhado”, explica o grupo.

Além desse, foram elaborados outros dois projetos. Todos relacionados à Robótica Educacional e desenvolvidos pelos alunos do Curso Técnico de Eletrônica com a orientação de Alessandra Macedo e coorientação de Enis

Rossi da Silva, ambas professoras na instituição. “O mais bacana disso tudo é que todos os projetos foram planejados e elaborados por mentes ainda muito jovens, mas que já demonstram não apenas o desejo de facilitar a vida do ser humano, como principalmente a preocupação com questões importantes da atualidade, tais como o cuidado com o meio ambiente, a sustentabilidade, a cidadania e a inclusão social”, enaltece a educadora Alessandra.

O segundo projeto, intitulado de *Acionamento de Luz por Palmas*, foi desenvolvido pelos alunos Michael da Silva Barbosa, Lucas Henrique da Silva e Gabriel Victor Valente Bastos, da unidade de Duque de Caxias. A ideia era permitir que qualquer pessoa, ao entrar em um determinado espaço, pudesse fazer o acionamento de uma lâmpada ou *led* apenas com o bater de palmas, o mesmo procedimento que seria usado para desligar a lâmpada.

Já o terceiro projeto, chamado de *Janela Automática*, é de autoria de Allan Figueiredo, Lucas de



O grupo participou da 2ª Femucti de Duque de Caxias e ganhou o primeiro lugar da categoria Tecnologia e Inovação com o projeto *Janela Inteligente*



Assis e Lucas Félix, da unidade Nova Iguaçu, e consiste em automatizar uma janela para que, ao chover, com o primeiro contato de umidade no sensor, um motor seja ativado, fazendo com que a mesma seja fechada, evitando assim a entrada indesejada de chuva no ambiente interno. Tudo de forma eficiente e prática para o usuário, dispensando o trabalho manual de fechar a janela.

Todo ano no colégio acontece a *Eletronic Day*, que é o evento interno de eletrônica, onde os alunos expõem seus projetos finais de semestre para os demais colegas da unidade escolhida para representar a feira, já que em cada ano ela ocorre em um lugar diferente. Depois disso, eles participaram da 2ª Femucti de Duque de Caxias e acabaram ganhando o primeiro lugar da categoria Tecnologia e Inovação com o projeto *Janela Inteligente*. Após isso, partiram para a IX FECTI, que é a maior feira tecnológica do Estado do Rio de Janeiro, onde foram expostos 200 trabalhos de alunos de diversas escolas. A professora Alessan-

dra levou os três projetos para representar o colégio através do curso de Eletrônica. E por fim receberam o certificado de Honra ao Mérito pelo incentivo à educação tecnológica em Duque de Caxias, através do secretário de educação, na Câmara Municipal do município.

Alessandra explica que o intuito de desenvolver esses projetos é levar os alunos a vivenciarem os ensinamentos teóricos de sala de aula e as aulas de laboratório nas feiras tecnológicas, colocando em prática esses aprendizados e permitindo uma visão ampliada do futuro. “Depois que os estudantes têm o domínio da teoria da eletrônica, eles começam a desenvolver pequenos projetos práticos, gerando então protótipos. A partir daí são lançados desafios para a criação de trabalhos inovadores e sustentáveis dentro do tema adotado pela ONU em 2015, que foi “Ciência, luz e vida”. Eles abraçam as propostas lançadas por nós professores técnicos e trazem suas ideias. A partir daí começamos a orientá-los em como desenvolvê-las da melhor forma”, finaliza a educadora.

Colégio Flama (Unidade Duque de Caxias)  
Rua Tenente José Dias, 533 – Centro – Duque de Caxias/RJ  
CEP: 25010-305  
Tel.: (21) 2671-6102  
Site: [www.colegioflama.com.br](http://www.colegioflama.com.br)  
Fotos cedidas pela escola



# A new way to learn

Novas tecnologias reforçam o desenvolvimento na aprendizagem da língua estrangeira

Com o advento da tecnologia, o mundo está mais acessível, possibilitando a todos uma maior interação cultural. Neste sentido, em virtude da globalização, a aquisição da Língua Inglesa tornou-se imprescindível, tendo em vista que é o idioma da comunicação global. Além disso, para se inserir no mercado de trabalho, o jovem de hoje precisa buscar uma formação cada vez mais completa, necessitando passar por avaliações nas quais o inglês é uma das exigências básicas, por exemplo, para ter acesso à Universidade. Oportunidades de emprego em nosso país e no exterior sugerem que aqueles que possuem conhecimentos de Língua Inglesa têm mais chances de ingressar em cargos melhores e ter salários mais altos.

Com tantos requisitos básicos, a fim de que os alunos do Colégio Estadual Machado de Assis se mantivessem ainda mais inseridos neste cenário, além, é claro, de agregar ao aprendizado conteúdo de qualidade, a professora de Inglês Eloísa Semblano tem lecionado diversas atividades com muita interação com a tecnologia. As dinâmicas aplicadas em sala de aula trazem como objetivo, além de tornar as aulas mais divertidas, fazer com que os alunos compreendam que os aparatos tecnológicos que existem atualmente devem servir não apenas para diversão e momentos de lazer, mas sobretudo para busca de informações que sejam úteis à formação do estudante. “Associado a este aspecto, busco inserir as tecnologias tão presentes na vida dos jovens em minhas aulas para que elas estejam mais próximas do cotidiano deles”, ressalta Semblano.

## Confira algumas atividades para serem realizadas em sala de aula

*Sugestões praticadas pela professora de Inglês Eloísa Semblano*

### QR Code

A utilização do aplicativo QR Code no celular visa trabalhar vocabulário referente a palavras em inglês usadas na Internet. Os alunos pesquisam o vocabulário específico na *web* ou referente a computadores (como *upload*, *download*, *login*, *logout* etc.) e criam QR Codes para cada uma delas associando aos seus significados. Um QR Code pode ser criado no aplicativo QR Code Generator, no *smarthphone* do próprio aluno. Em seguida, é montado um mural interativo na escola, com o qual todos os alunos podem interagir, baixando leitores de QR Code em seus celulares.



Apesar de ser comum nos aplicativos, muitos dos alunos só entenderam a real função do QR Code a partir das aulas ministradas pela professora Eloísa Semblano, que utilizou a ferramenta para estudar o vocabulário da língua inglesa

## Blog

Em anos anteriores, Eloísa utilizava *blogs* para postagem de vídeos, entrevistas, clipes de música, a fim de trabalhar determinados temas com os alunos. Agora, como proposta de trabalho, eles produzem pequenos vídeos de animação de acordo com o tema indicado ou buscam clipes de música para edição, inserindo a tradução das canções escolhidas também de acordo com a temática sugerida.

## Redes Sociais

Atualmente, Eloísa utiliza, em conjunto com a professora de Matemática Adriana Fernandes, grupos no Facebook para publicação de listas de exercício, vídeos e arquivos sobre os conteúdos a serem estudados, como forma de antecipação do assunto, para que se possa discuti-lo em sala. Desta forma, busca-se aproximar do conceito de sala de aula invertida (*Flipped Classroom*), inicialmente discutida nos Estados Unidos e atualmente sendo estudada pelo professor Marco Silva, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, bem como do conceito de ensino híbrido. Assim, utilizamos o *chat* do Facebook para tirar dúvidas dos alunos quando realizam tarefas fora do horário de aula.

Para o estudante do 9º ano Samuel Almeida, os trabalhos que alinham a Língua Inglesa com a tecnologia apresentam um diferencial, pois o idioma está inserido no cotidiano do estudante e assim é possível praticar sempre. "Foi muito importante aprender o significado do QR Code, pois eu até então não conhecia, e agora levo isso pra vida", reconhece o aluno.

## A Língua Inglesa nos Parâmetros Curriculares Nacionais

Fonte: Ministério da Educação ([portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br))

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ao ensinar uma língua estrangeira, o educador deverá considerar a sua natureza sociointeracional, pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado. Além disso, tanto a interação oral como escrita são crucialmente marcadas pelo mundo social que as envolve, em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas.

Ao chegar à escola, o aluno já é um falante competente de sua língua para os usos que se apresentam nas comunidades discursivas das quais participa em sua socialização em casa ou nas brincadeiras com os amigos fora de casa e em outras comunidades discursivas. Estas últimas podem exigir a aprendizagem de uma variedade da língua materna ou de padrões interacionais diferentes daqueles a que teve acesso em casa.

Por isso, para o PCN de Língua Estrangeira, o professor deverá possibilitar ao aluno o conhecimento sobre sua língua materna, por meio de comparações com o idioma estrangeiro nos vários níveis. Além de possibilitar que o estudante, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, constitua-se em um ser discursivo no uso de uma língua que não é a sua, materna.

Ao fim do 9º ano, os alunos devem ser capazes de: analisar criticamente a importância e a finalidade de diversos gêneros, como textos literários, artigos, notícias, receitas, rótulos, diálogos e canções; usar verbos e suas diversas conjugações, pronomes, conectivos, pontuação e vocabulário inseridos nos diferentes gêneros; apreciar texto literário escrito em língua estrangeira e relacionar imagem e texto; selecionar palavras-chave para reconhecer significados e inferir o sentido de expressões com base no contexto; compreender características culturais, finalidade e estrutura de diferentes tipos de músicas e gêneros literários.

Confira a lista completa de aptidões que os estudantes devem adquirir ao concluir o Ensino Fundamental através do [site portal.mec.gov.br](http://site.portal.mec.gov.br).

Colaboração: Richard Günter

Colégio Estadual Machado de Assis  
Rua Desembargador Lima Castro, 97  
Fonseca – Niterói/RJ  
CEP: 24120-350  
Tel.: (21) 3607-1187  
E-mail: [cemachadodeassis@educacao.rj.gov.br](mailto:cemachadodeassis@educacao.rj.gov.br)  
Coordenadora do projeto: Eloísa Semblano  
Fotos cedidas pela escola



# Diálogo aberto

Alunos fazem uma viagem no conhecimento das culturas em quatro etapas

Jéssica Almeida

Valorizar a cultura, as comidas típicas, os aspectos históricos e geográficos, o idioma e as crenças de diversos países, inclusive as do Brasil. Esse é o objetivo da Feira das Nações, desenvolvida pelo Centro Educacional Maciel Salgado, localizado em Belford Roxo. Alunos do maternal ao 9º ano tiveram a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre os aspectos culturais de cada país, bem como sua influência no mundo. Além de trabalhar com valores transversais como socialização, amizade, respeito e ética.

De acordo com a diretora Ana Paula Maciel Salgado, cada professora deveria acompanhar o processo de elaboração do projeto, que foi dividido em quatro etapas: a pesquisa, o desfile das bandeiras, a elaboração e apresentação de uma dança sobre o país pesquisado e, por fim, a decoração da sala. Para a primeira fase, os alunos deveriam contar com a ajuda dos responsáveis para adquirir conhecimento sobre o país específico, o que serviria de norteador ao trabalho prático executado pela turma no dia da apresentação. Na pesquisa deveria haver informações, como comidas típicas, ritmos musicais, danças tradicionais, modalidades espor-

tivas de destaque, questões culturais, pontos turísticos, principais cidades, maiores riquezas/fatores econômicos, hidrografia e relevo, fauna e flora, além de curiosidades.

Já para a segunda etapa, cada turma deveria construir a bandeira do país referência para participar de um desfile. Cada uma delas deveria apresentar um aluno caracterizado com uma modalidade esportiva, outro representando um animal típico e outro, uma característica daquela nação. Na terceira fase do projeto, a turma realizaria números de dança caracterizados com os trajes típicos e deveriam elaborar um folheto contendo detalhes sobre a apresentação. A quarta e última etapa do projeto foi a decoração das salas, que deveriam ser caracterizadas contendo pesquisas e curiosidades sobre aquele país, além de comidas típicas, artesanatos e esculturas. Ao todo, foram trabalhados 11 nações: Brasil, Rússia, Holanda, Grécia, Argentina, China, Estados Unidos, Egito, África do Sul, Canadá e França.

No dia do evento, as turmas se subdividiram e, enquanto um grupo explicava os itens da sala, o outro visitava os países. O objetivo era promover uma interação do conhe-



Para culminância do projeto, os estudantes fizeram a apresentação das danças típicas de cada país





Além das apresentações de dança e caracterização, os alunos fizeram maquetes e comidas típicas



cimento onde um explicava para o outro as suas descobertas sobre o que foi estudado. Os pais também eram convidados a ouvir as explicações, enquanto os estudantes faziam a apresentação das bandeiras e danças típicas de cada país. "Tivemos um espetáculo de cores e conhecimento, todos os alunos e professores engajados em construir um ensino de qualidade, em concretizar a aprendizagem através das descobertas ou novos mundos. Me sinto lisonjeada em ter uma equipe de pessoas que constroem uma aprendizagem, vivenciam, sonham, pois só assim poderemos mudar a educação de nosso país", elogia a diretora Ana Paula.

A professora Luciana M. Antonio Filardi ressalta que nessa edição do evento os alunos se empenharam e se dedicaram ao máximo na confecção e preparação de suas pesquisas, maquetes, comidas típicas. "Tudo isso para que a sala ficasse impecável para expor o país escolhido. Foi um espetáculo ver a feira pronta! A cada sala visitada parecia que estávamos em uma viagem de férias conhecendo os lugares e suas culturas. Parabéns ao colégio por propor esse tipo de projeto que proporciona ao aluno um melhor desempenho do seu aprendizado. A Feira das Nações foi esplendorosa!", elogia a educadora.

As alunas Ana Caroline Meneguci e Anna Clara Lacopo, atualmente no 9º ano, contam que o projeto não só mostrou a cultura dos outros países aos professores e responsáveis, como também apresentou aos estudantes o valor do trabalho em grupo. "Com todos se doando ao projeto, obteve-se um resultado que surpreendeu verdadeiramente. A nossa feira fez a diferença, acrescentando conhecimentos e unindo turmas. Através dela, percebemos como as culturas de países diferentes podem ser semelhantes. Todos os estudantes se uniram sem rivalidade, um completando o outro. Por isso, se tivéssemos que escolher uma frase que define a nossa feira seria: 'A união faz a força'", finalizam as discentes.

Centro Educacional Maciel Salgado  
Avenida José Mariano dos Passos, 907  
Centro – Belford Roxo/RJ  
CEP: 26130-570  
Tel.: (21) 3582-3463  
E-mail: secretariacems@gmail.com  
Diretora: Ana Paula Maciel Salgado  
Fotos: Marcelo Ávila

# Esse sou eu

Alunos transformam-se em escritores e lançam a sua primeira obra com direito à sessão de autógrafos

Desafiando tradições e culturas, a Escola Franciscana Santo Antônio da Prata vem transformando as aulas através do projeto pedagógico *Café Literário*, que visa pesquisa e revelação de novos escritores. Tendo como objetivo a preparação do educando, ao final da grande trajetória do ensino, a atividade estimula a preparação para atuar na sociedade de maneira positiva, construindo com autonomia a sua forma de criação.

Para isso, foi apresentada uma sequência de fatos, autores, poemas e acontecimentos diversos para que o corpo discente, desde cedo, perceba o quão esplendoroso é o mundo literário e possa, assim, tirar desse momento uma grande fatia de conhecimento e participação, o que se dá não só no dia do evento, mas durante todo o processo de preparação. A atividade reuniu escritores dos séculos XIX, XX e XXI com os alunos do 6º ao 9º ano se envolvendo em uma busca incansável para obter informações históricas e biográficas sobre os autores e sobre a importância de cada um no enriquecimento literário de nossa história. Entre os escritores clássicos e contemporâneos analisados estão Machado de Assis, Clarisse Lispector, Gonçalves Dias, Martha Medeiros e Thalita Rebouças.

Durante a aplicação, os estudantes foram estimulados, desde as primeiras aulas do ano letivo na disciplina de Produção Textual, a escrever seu próprio livro. As produções foram observadas e orientadas pelas professoras Ana Maria de Freitas e Ana Patrícia Ceppa, e cada uma delas foi arquivada na pasta do aluno e posteriormente encadernada, formando um livro.

De acordo com a diretora da unidade escolar, Jole Pacheco, o *Café Literário* oportuniza ao alunado a criação, imaginação e muita ousadia, onde cada estudante escreve um livro e dedica à família com autógrafo. "Dessa forma valorizamos a leitura com o intuito de formar leitores e autores num mundo que exige criatividade e talento", enaltece Jole.

Já uma das coordenadoras do projeto, Luciana Menezes Menegatti, revela que "levando em conta a importância de preparar nossos alunos ainda nas séries do Ensino Fundamental, decidimos apresentar uma sequência de fatos, autores, poemas e acontecimentos diversos para que nosso corpo discente, desde cedo, perceba o quão

esplendoroso é o mundo literário e possa, assim, tirar desse momento uma grande fatia de conhecimento e participação, o que se dá não só no dia do evento, mas durante todo o processo de preparação".

## Opinião de quem já é autor

Em uma entrevista exclusiva à redação da Revista Appai Educar, a escritora e jornalista Thalita Rebouças, que soube da realização desse projeto no qual suas obras estão como bibliografia básica, disse: "Eu acho importantíssimo as instituições estimularem o hábito da leitura e da escrita nos alunos. Eu mesma aprendi a gostar de ler na escola e cismei que seria escritora quando tinha 10 anos. Hoje, com 41 e mais de 20 livros publicados, eu me realizo toda vez que recebo *e-mails* de adolescentes que querem se tornar escritores. Quanto mais a gente lê, melhor a gente escreve", ratifica Thalita.

Já para Andrea Ramal, doutora em Educação, escritora, colunista semanal do G1 e comentarista do programa Encontro com Fátima Bernardes, é muito importante que a escola promova a autoria dos alunos, pois essa atividade envolve criação, pensamento alternativo, originalidade, competências que, muitas vezes, ficam esquecidas em meio a currículos muito racionalizados e conteudistas. "Além disso vale lembrar que falar em 'novos escritores' é algo que vai além de simplesmente 'aprender a escrever'. Um estudante pode fazer boas dissertações, mas não ser propriamente um escritor. Não há nenhum problema nisso, o que importa é que a escola ajude a descobrir os talentos que vão além de uma redação escolar e permita a esses alunos desenvolver todas essas potencialidades", preconiza Andrea. A doutora ainda ressalta que a experiência da autoria lida com competências que valem para toda a vida. "Ser autor





Obras contemporâneas da escritora e jornalista Thalita Rebouças serviram de inspiração para as produções literárias dos alunos que tiveram suas primeiras publicações lançadas em projeto pedagógico



é negar-se a ser um repetidor das ideias alheias. O estudante que se descobre autor de um texto ou de uma obra pode sentir que também vale a pena ser autor da própria vida. Palavras como protagonismo e autonomia intelectual se tornam realidade”, corrobora Ramal.

## Concurso está em busca de jovens escritores

Alunos com gosto especial pelo mundo das letras já podem se inscrever para a 5ª edição das Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. A competição da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo é aberta para estudantes de todo o país que estejam cursando Ensino Fundamental ou Médio.

Este ano, o concurso tem como tema “O lugar onde vivo”, ponto de partida que pode ser desenvolvido através de quatro gêneros: poesia (5º e 6º ano), memória (7º e 8º ano), crônica (9º ano e 1ª série) e opinião (1ª e 2ª série). Após uma primeira etapa, que realiza a peneira na própria escola, o concurso contará com seleções municipais e estaduais.

Uma comissão formada por professores, representantes de pais e alunos e especialistas de universidades selecionarão 500 textos. A partir daí, serão escolhidos os vencedores por gênero. Mais informações podem ser conferidas pelo site [www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br).

Colaboração: Richard Günter

Escola Franciscana Santo Antônio da Prata  
Estrada Dr. Plínio Casado, 2.875 – Parque  
Rosário – Nova Iguaçu/RJ  
CEP: 26010-421  
Tel.: (21) 2761-5443  
E-mail: [direção@sibstantonio.com.br](mailto:direção@sibstantonio.com.br)  
Diretora: Jole Pacheco  
Fotos cedidas pela escola



# Um lugar para chamar de seu

O cantinho dedicado aos alunos trabalha aspectos socioemocionais e evita a evasão escolar

Jéssica Almeida

“**L**á nos sentimos confortáveis para criarmos intimidade com aqueles com quem conviveremos o ano todo, isso influencia positivamente no aprendizado em sala de aula e fora dela”. É assim que o aluno Ítalo Castro, do Colégio Estadual Canadá, localizado em Nova Friburgo, define a *Sala dos Alunos*, projeto criado em prol do alunado com objetivo de trabalhar aspectos socioemocionais como a responsabilidade, senso de colaboração, comunicação e autocontrole.

A ideia surgiu no ano passado, a partir de uma visita do Diretor Regional Pedagógico da Regional Serrana II, Cleber Luciano, ao Colégio Estadual Chico Anysio, localizado no bairro Andaraí, no Rio de Janeiro. Na ocasião o diretor foi conhecer na unidade escolar um curso de formação ofe-

recido pela Seeduc. Durante as visitas às escolas, Cleber sempre encontrava alguma sala ou locais sem uso, e então sugeria à escola que aquele espaço ocioso poderia ser o “cantinho dos alunos”.

Assim, foi proposto por Cleber que os diretores de escolas visitassem a instituição, e assim puderam conhecer, entre outras coisas, o espaço *lounge*, que serviu de inspiração para o *Sala dos Alunos*. Algumas unidades da Serrana II se mostraram interessadas, como foi o caso do Colégio Canadá, que pela iniciativa de seu diretor foi o primeiro efetivamente a colocar em prática a ideia. Sendo assim, a adoção do projeto para toda a Regional Serrana II foi idealizada pelo Cleber Luciano, enquanto na unidade escolar a implantação ficou por conta da diretora Rebeca Emerich.





O nome “Sala dos Alunos” é uma analogia com a “Sala dos Professores”, que existe em todas as escolas. De acordo com Cleber, a ideia não é separar o aluno do professor (ou vice-versa), mas sim mostrar que ambos devem intensificar a relação de pertencimento que possuem em relação à escola. “Ela deve acolher a todos como extensão de suas casas. Inicialmente a sala seria intitulada ‘Sala de Casa’ de forma que o aluno entendesse que o espaço seria uma continuidade da sua residência. No entanto, o fato de toda a escola já ser uma extensão da casa derrubou esse primeiro nome. No final da história, o escolhido foi *Sala dos Alunos* porque a gerência, organização e utilização, tudo está a cargo dos estudantes, mesmo que não exclusivamente”, explica o diretor.

Esse cantinho dedicado aos alunos também pode ajudar na questão da evasão escolar. Uma vez que a instituição passa a ter mais um elemento atrativo, além de ser uma

oportunidade de proporcionar bem-estar a eles. E contando como inspiração as diretrizes da Solução Educacional, a proposta amplia fronteiras do saber e ajuda a difundir conhecimentos de vida aos alunos. Dessa forma, a sala se firma como um espaço de socialização, onde os estudantes se encontram, desfrutam, trocam experiências, conversam.

Cleber conta que a princípio participam cinco turmas do Proemi (Programa Ensino Médio Inovador), mas será ampliado para toda a unidade escolar em breve. Segundo a diretora adjunta do colégio, Suelaine Figueira Bohrer, a *Sala dos Alunos* já vem dando muitos resultados. “Esse cantinho tornou os estudantes mais próximos da escola e mais sociáveis”, ressalta. O jovem Ítalo Castro, da turma 2.003, completa afirmando que o espaço vai além de uma simples sala de distração. “É nela que os alunos e professores quebram ou impedem qualquer má conveniência uns com os outros”, finaliza.



A Sala dos Alunos é um espaço de socialização, onde os estudantes se encontram, trocam experiências, conversam



Colégio Estadual Canadá  
Rua Jardel Hottz, s/nº – Olaria  
Nova Friburgo/RJ  
CEP: 28625-180  
Tel.: (22) 2533-2051 / 2533-1399  
E-mail: cecanada@hotmail.com  
Diretora: Rebeca Emerich  
Fotos cedidas pela escola



# Base Curricular desigualdade diz especialista

**N**os próximos meses, o Brasil definirá uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento com os conteúdos mínimos que os estudantes devem aprender a cada ano na escola, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Para alguns especialistas, é a chance de focar na qualidade e, de fato, mudar a educação brasileira.

Outros questionam a efetividade do documento e acreditam que ele nunca sairá do papel. A **Agência Brasil** conversou sobre o assunto com Ilona Becskeházy, que atua desde 1996 no desenho e na implementação de projetos de educação.

A especialista defende que o Brasil precisa de uma base,

# Especialista critica documento atual, que está disponível para a consulta pública. Para a especialista, o documento é "capaz de confundir e desorganizar o que já não é bom". Segundo Ilona, que é mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio e foi diretora executiva da Fundação Lemann (organização que busca projetos inovadores em educação), cabe ao Ministério da Educação (MEC) tomar decisões e liderar o processo de consolidação de uma base que atenda aos interesses do país.

O documento atual é preliminar e foi elaborado por um grupo de especialistas, que incluía professores tanto do ensino superior quanto do básico. Embora não seja autor da Base, cabe ao MEC coordenar o processo até a elaboração de um documento final. Ilona critica a amplitude da consulta pública e diz que o processo pode levar a um compilado de contribuições não qualificadas. O MEC afirma que a intenção é que um debate com muitos grupos e especialistas seja capaz de melhorar o documento. A pasta garante que as incorporações das sugestões ao documento serão feitas com critério.

Veja, abaixo, os principais trechos da entrevista concedida pela especialista à **Agência Brasil**:

**Agência Brasil:** Por que o Brasil precisa de uma Base Nacional Comum Curricular?

**Ilona Becskeházy:** Em primeiro lugar, para permitir maior equidade entre as regiões, os estados e as redes de ensino, inclusive entre as privadas e públicas. Além disso, se a Base for ambiciosa, poderemos finalmente começar a inculcar uma mentalidade de excelência acadêmica na população. Seria muito bom para nosso futuro.

**Agência Brasil:** O que deve ser definido pela Base?

**Ilona:** As habilidades que devem ser aprendidas pelos alunos a cada ano, em cada disciplina, começando pela língua portuguesa e pela matemática.

**Agência Brasil:** Por que a definição clara dessas duas disciplinas é fundamental?

**Ilona:** As duas disciplinas foram percebidas ao longo do tempo como sendo essenciais para compreender e interagir no mundo atual. Ambas são linguagens que mobilizam habilidades cognitivas fundamentais para captar, processar e interagir na vida em comunidade, trabalhar, fruir possibilidades. São duas linguagens diferentes que fornecem as principais ferramentas de leitura e compreensão autônoma, inclusive para as demais disciplinas, de tal forma que o ser humano possa continuar a aprender assuntos cada vez mais complexos durante toda a vida. Outras disciplinas derivam dessas linguagens. E outras, como música e arte, embora muito interessantes, não mobilizam as estruturas cognitivas necessárias ao aprendizado sistemático.

**Agência Brasil:** O documento atual é capaz de nortear a educação brasileira?

**Ilona:** O documento atual é capaz apenas de confundir e desorganizar ainda mais o que já não é bom.

**Agência Brasil:** O que, na sua opinião, precisa ser mudado para que a Base funcione?

**Ilona:** A estrutura do documento é parte importante de sua capacidade de comunicação. É como o desenho de um mapa. Cada conceito ou forma de mostrar as expectativas deve ser apresentado de maneira coerente e com uma linguagem bem simples e clara, para não dar espaço a muitas dúvidas ou ambiguidades. As expectativas devem ser verbalizadas dentro de um formato bem sistemático para permitir seguir a progressão sem se perder e também devem apresentar alguma ambição acadêmica. O que foi apresentado não tem nenhuma dessas características.

**Agência Brasil:** O MEC já sinalizou que deverão ser feitas mudanças para trazer mais clareza, mais objetividade e tornar mais fluida a transição entre as etapas de ensino. Tratou de mudanças em história e também em língua portuguesa, como você defendeu. Que cuidados são necessários ao buscar essas mudanças?

**Ilona:** Clareza, coerência, ambição acadêmica, ou rigor, e progressão das expectativas são as palavras de ordem. Algumas delas apareceram no documento do MEC que anuncia as adequações, mas outras não. Gostaria de estar otimista, mas não estou.

**Agência Brasil:** O que se espera do MEC nessa etapa de consolidação de um segundo documento?

**Ilona:** A capacidade de tomar decisões para atender aos interesses do país, e não de grupos de interesse corporativo.







**Agência Brasil:** Que grupos são esses?

**Ilona:** Quando se vai às escolas e redes de ensino e se conversa sobre currículo com os profissionais de sala de aula, é óbvia e gritante a necessidade e o desejo de ter uma ferramenta curricular à mão, para guiar o planejamento e o monitoramento do trabalho docente. Os grupos que não gostam de currículos explícitos são constituídos por parte dos acadêmicos de educação, aqueles das faculdades de educação, que se interessam muito pouco pelo que acontece em sala de aula e que temem uma renovação dos cursos de formação docente a partir do novo currículo, uma decorrência óbvia. Além disso, há os sindicalistas mais radicais, que temem que um currículo explícito forme uma nova base para pautar e avaliar a carreira docente, outra decorrência natural de um bom currículo. Quando se desenha um currículo novo ou se faz uma revisão de um existente, é óbvio que os professores, os acadêmicos e sindicalistas devem ser ouvidos. Mas há alguém com autoridade legal que faz a filtragem final, usando como critério estratégico principal o interesse dos alunos e do país.

**Agência Brasil:** As consultas públicas contribuem para uma Base melhor?

**Ilona:** Não contribuem se não forem qualificadas. Um processo de construção curricular responsável começa com um documento sólido, que pode ser apenas marginalmente aprimorado em um processo político de validação pública. Construir publicamente um documento dessa importância é o mesmo que pedir à população para desenhar as políticas de combate a doenças crônicas.

**Agência Brasil:** A partir das suas análises de currículos estaduais e municipais, acredita que a Base será capaz de melhorar a educação?

**Ilona:** Hoje, não. Hoje, meu conselho para o MEC é usar o currículo do Acre.

**Agência Brasil:** Por quê? Quais pontos do currículo do Acre podem ser aplicados nacionalmente?

**Ilona:** Principalmente a estrutura de apresentação dos objetivos, conteúdos, das sugestões de atividades e de formas de avaliação, além da linguagem simples e direta, com foco em realmente descrever uma habilidade a ser aprendida por cada aluno. Acho que o currículo do Acre não conseguiu ter uma descrição boa do detalhamento das habilidades, mas em relação aos objetivos gerais de cada ano dá para ter uma boa noção do que deve ser ensinado.

**Agência Brasil:** É possível chegar a uma boa Base?

**Ilona:** Espero que sim. Depende de as lideranças do MEC tomarem as decisões certas e usarem as referências mais atualizadas do setor nos países desenvolvidos.

Fonte: Agência Brasil

Texto: Mariana Tokarnia - Repórter da Agência Brasil

Edição: Lílian Beraldo

Licença: *Creative Commons*



# Que lugar é este?

*Passeio escolar sai do patamar de lazer e entra para a lista das atividades de campo que ajudam a ampliar o conhecimento do aluno e a sua visão de mundo*

**L**ugar de aprender não é apenas na escola. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam a importância dos alunos conhecerem e valorizarem as características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais, e de se perceberem integrantes e agentes transformadores do ambiente. Esses pontos podem ser trabalhados em aula, mas as atividades de campo permitem comparar e confrontar, no mundo real, os conteúdos estudados.

Antigamente, levar os alunos a museus, zoológicos e indústrias era considerado passeio escolar. Hoje, também é conhecido como estudo do meio e difere do passeio na medida em que este é mais voltado para o lazer, a recreação. No estudo do meio (ou Passeio Escolar Pedagógico) está mais presente a ideia de aprendizagem, uma forma de ampliar o conhecimento, pois os alunos veem que aquilo que leram no livro existe na realidade, dando vida ao que se aprende na sala de aula, com o objetivo de formar pequenos pesquisadores e incentivar a investigação. Mas para que as

As alunas do Colégio Pedro Álvares Cabral visitaram o “Remo – Clube de Regatas Flamengo” na Lagoa Rodrigo de Freitas. Na oportunidade, as estudantes praticaram a modalidade que fará parte das Olimpíadas Rio 2016



saídas escolares rendam os resultados esperados é preciso planejamento.

A escola é um local de conhecimento teórico e prática, no qual são trabalhadas muitas vivências, a fim de proporcionar ao aluno um repertório para a vida. O conhecimento é mais que a lição passada em sala de aula, ele também é composto pelas experiências fora dos portões da escola.

Ao visitar algum museu, um parque ou outro local, o aluno adquire a prática social, muito importante como formadora de opiniões consistentes, reflexivas e problematizadoras. Ensinar não é apenas transmitir conhecimento, é permitir ao aluno momentos de reelaboração do saber, garantindo o seu acesso a esses saberes e contribuindo para a sua atuação como ser criativo no processo histórico-cultural da sociedade.

Para Sueli Furlan, doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e selecionadora do Prêmio Victor Civita – Educador Nota 10, “na sala de aula é preciso fazer uma leitura da realidade, como em uma filmagem, mas não diretamente diante dela. A saída pedagógica deve abrir espaço para uma observação pessoal da realidade sem recortes. Para obter um bom resultado na aplicação de um projeto neste âmbito, o educador precisa estimular no alunado o gosto pela arte e cultura, afinal, há uma grande participação disso na formação desses jovens”, destaca Furlan. No caso do Ensino Médio, os estudantes passam também por experiências de aventura, de superar limites e

o medo do desconhecido, inclusive sendo envolvidos no planejamento dos passeios. Crianças que crescem apreciando e participando de manifestações artísticas e culturais ampliam sua percepção de mundo, desenvolvem diversos tipos de linguagens, tornam-se mais criativas e, principalmente, mais felizes.

Os pais, aliás, são peça-chave para o sucesso das atividades extramuros, e ter sua colaboração passa por uma estratégia adequada de comunicação da escola. Há um senso comum entre as instituições de que o ideal é realizar ao menos de uma a quatro saídas por ano, e de que é preciso avisar os pais com antecedência.

Pelos alunos, as saídas de campo e estudos de meio são sempre aguardados com ansiedade por motivos que,

Levar *kit* de primeiros socorros e treinar os adultos responsáveis para usá-lo são outros pontos que precisam ser levados em consideração.

à primeira vista, nem sempre parecem estar diretamente conectados com um olhar mais pedagógico sobre o evento. Um dos grandes desafios é justamente colocar na balança o passeio entre os objetivos acadêmicos e a necessidade e/ou expectativa que os alunos têm de se divertir. O passeio deve atingir as metas educativas de uma maneira lúdica e vivencial, pontos críticos para o sucesso da atividade.

A leveza e a novidade do ambiente extraclasse não são atrativos só pela diversão em potencial, mas devido a fatores que desempenham papel fundamental no processo de aprendizado. A experiência de uma vivência externa nunca será substituída por imagens de internet ou textos de livros. “Por mais simples que uma saída de estudo do meio seja, não importa sua duração ou distância, se for bem planejada no mínimo ela oferecerá integração, independência, organização, sociabilização e conhecimento, ampliando a visão de mundo e a cultura”, analisa Mérli Leal, doutora em

Educação pela Universidade de São Paulo. Por outro lado, é necessário averiguar se a saída vai contribuir realmente para o aprendizado e se de fato complementa a matéria ensinada em sala de aula. Também há de se pensar se existem maneiras melhores de abordar o conteúdo, com ajuda de novas tecnologias, como experiências utilizando a ferramenta *on-line* “Google Art Project”, que possibilita um *tour* virtual gratuito pelos principais museus do mundo como o Van Gogh Museum, e o “Google Expedition” (divulgado na edição 98 da Revista Appai Educar).

### Como convencer os pais?

A preocupação dos pais quando se fala em tirar seus filhos da escola para um “passeio” é natural, principalmente, em cidades grandes. Por isso, é importante que, além de enviar um comunicado formal com todas as informações sobre o estudo do meio (local, data, quantas horas terá de duração, quais os objetivos pedagógicos etc.), professores e coordenadores se reúnam com os responsáveis para lhes mostrar os benefícios que este projeto trará para o aprendizado. “É preciso que eles percebam que o resultado será positivo e que o filho aprenderá coisas que não aprenderia na sala de aula, por meio de livros. Tranquilizá-los quanto à segurança também é imprescindível.



Na ocasião, o diretor geral do C.E. Pedro Álvares Cabral, Francisco Júnior, ressaltou a importância da parceria entre a escola e o C.R. Flamengo, já que duas alunas da unidade são atletas de Remo no clube



## Passo a passo para você elaborar um passeio pedagógico

### Em sala de aula:

1. Pesquise lugares que possam complementar os conteúdos trabalhados em sala de aula.
2. Escolhido o lugar, liste as disciplinas que podem ser envolvidas no estudo.
3. Faça um levantamento do que os alunos sabem sobre aquele assunto.
4. Peça aos alunos para pesquisarem o tema do estudo, levantarem hipóteses e criarem perguntas.
5. Crie um bloco de anotações com folhas de ofício e grampos para estimular os alunos a preencherem com as informações apuradas.
6. Solicite (para os que possuem) que leve aparelhos para registro fotográfico e audiovisual (Ex.: câmera, filmadora ou celular) para documentar a visita.

### No local visitado:

1. Os alunos devem investigar e tentar comprovar as hipóteses levantadas em sala de aula.
2. Anotar o que o coordenador do projeto ou outro profissional do local visitado explica, podendo fazer as perguntas elaboradas na escola.
3. Não esquecer de fazer os registros com os aparelhos eletrônicos.

### Onde levar a turma?

- O local deverá sempre ser relacionado a algum tema trabalhado em sala de aula. Ressaltamos que esses estudos têm um foco principal, mas são desenvolvidos de forma interdisciplinar. Por exemplo, a ida ao aquário não rende apenas estudo sobre peixes na aula de Ciências, mas também atividades de Português, Matemática, Artes etc.

### Sugestões de locais:



#### 1. Planetário

**Endereço:** Vice-Governador Rubens Berardo, 100 - Gávea

**Funcionamento:** de segunda a sexta, das 10 às 17h.

**Informações:** (21) 2274-0096 ou [www.rio.rj.gov.br/planetario](http://www.rio.rj.gov.br/planetario).

Com o objetivo de difundir a Astronomia e desenvolver projetos culturais, o Planetário do Rio promove diversas atividades, experimentos interativos, observações ao telescópio, cursos, palestras e exposições.

#### 2. Museu de Arte do Rio (MAR)

**Endereço:** Praça Mauá, 5 – Centro

**Funcionamento:** Terça a domingo, das 10 às 17h

**Informações:** (21) 3031-2741

O passeio começa no terraço do prédio, com vista para a zona portuária; em seguida, o visitante percorre os quatro andares do Palacete, que abrigam exposições temporárias e obras do acervo permanente - documentos, aquarelas de Santiago Calatrava e uma escultura de Aleijadinho.





### 3. Ilha Fiscal

**Endereço:** Rua Dom Manuel, 15 – Centro

**Funcionamento:** de quinta a domingo, 12h30, 14h e 15h30.

**Informações:** (21) 2532-5992 ou faleconosco@dphdm.mar.mil.br

O passeio à Ilha Fiscal começa com uma visita ao Espaço Cultural da Marinha, onde é possível conhecer várias atrações que mostram um pouco da história do Brasil e da navegação, como o submarino-museu Riachuelo, um helicóptero-museu, a galeota D. João VI, construída em 1808 em Salvador, e a nau do Descobrimento.



### 4. Cine Teatro Eduardo Coutinho

**Endereço:** Av. Dom Helder Câmara, 1.184 – Benfica

**Funcionamento:** de terça a sábado, de 12h30 as 18h30

**Informações:** cinemanguinhos@gmail.com

O Cine Teatro Eduardo Coutinho faz parte do projeto Favela Criativa, com sessões especiais para as escolas em horários alternativos. Além da exibição de filmes comerciais nacionais e estrangeiros, 2D e 3D, uma vez por mês é realizada a Sessão Cineclubes, com filmes fora do circuito comercial e a presença de convidados.



### 5. Museu Casa de Santos Dumont

**Endereço:** Rua do Encantado, 22 – Centro – Petrópolis/RJ

**Funcionamento:** segunda a sexta, das 10 às 16h

**Informações:** (24) 3397-0517

O museu conta com acervo de objetos, livros, cartas e mobiliário, bem como o chuveiro e a escada de entrada, com degraus em forma de raquete, que só se pode acessar começando com o pé direito. No Centro Cultural 14 bis, anexo à Casa, pode-se assistir a um curta-metragem sobre Santos Dumont. O espaço tem acessibilidade e maquetes táteis para visitantes com necessidades especiais.



### 6. Casa de Artes de Paquetá

**Endereço:** Praça de São Roque, 31 – Paquetá

**Funcionamento:** diariamente, das 10 às 17h

**Informações:** paquetur@ilhadepaqueta.com.br

Prêmio de Cultura na categoria Empreendedorismo, a Casa de Artes tem o objetivo de cultivar a memória e cultura da ilha, através do despertar da consciência social e ambiental não só de crianças e jovens, mas de toda a comunidade.



### 7. Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas

**Endereço:** Rua Murtinho Nobre, 169 – Santa Teresa

**Funcionamento:** terça a domingo, das 8 às 20h

**Informações:** pruinhas@pcrj.rj.gov.br

No local, a principal atração é a casa com o mirante, que teve suas ruínas aproveitadas em composição com novas estruturas metálicas, que criam caminhos e escadas, por onde se pode caminhar no interior do casarão, subindo de nível a nível até chegar ao terraço e mirante de onde tem-se uma bela vista da cidade.

## Dinâmicas

Professor, agora a nossa dica é para aquele momento em que os alunos estão dentro do transporte ou esperando para entrar no local visitado. Para aproveitar bem os momentos do passeio e deixar a turma integrada, o Mestre em Ensino Cleber Mena Leão Junior sugere 3 dinâmicas que farão os alunos descontraír.

### 1 - COELHO SAI DA TOCA

**PASSO A PASSO:** fora do transporte e em trios as crianças se espalham pelo local. Dois alunos darão as mãos formando uma toca. Dentro dessa toca ficará o terceiro aluno. O professor dará três tipos de comandos: 1 – coelho sai da toca (nesse comando somente os alunos que estarão dentro da toca deverão sair e trocar de toca); 2 – toca procura coelho (nesse momento só as tocas, sem soltar as mãos, devem procurar um coelho que estará imóvel no seu lugar); e 3 – terremoto (nesse comando todos os alunos poderão trocar as funções: trocar as tocas; trocar os alunos que eram coelhos e formando duplas e montar uma toca).

**OBJETIVO:** nessa atividade trabalhamos a atenção, sensibilidade ao toque, trabalho em grupo, velocidade de reação.

**DICA:** para os alunos se movimentarem mais, caso eles tenham ficado muito tempo sentados no ônibus, pode-se pedir que os coelhos ao trocarem de toca tenham que ir saltando.

### 2 - JOGO DA MÚSICA

**PASSO A PASSO:** essa atividade será realizada em grupos, que poderão ser divididos da seguinte forma: duas fileiras do lado direito do ônibus contra as duas fileiras do lado esquerdo ou parte do fundo contra a parte da frente do veículo. De forma justa, o professor deverá escolher quem iniciará a brincadeira. A equipe que começará deverá cantar uma música com a palavra "amor". Após cantarem em conjunto a música e o trecho que contém a palavra solicitada, o professor imediatamente passará para a próxima equipe cantar, e assim sucessivamente até uma equipe demorar muito para cantar, cantar uma música repetida ou não souber nenhuma música com a palavra solicitada.

**OBJETIVO:** nessa atividade podemos



## SPLASH!

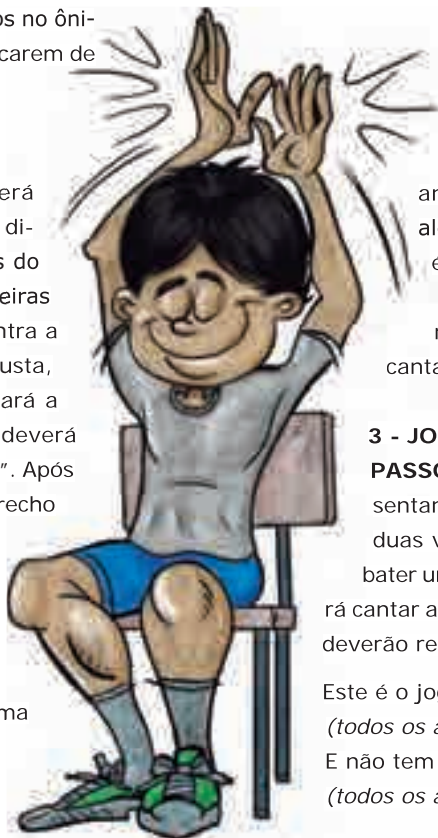
desenvolver o trabalho em equipe, pressão, criatividade, musicalidade, memória.

**DICA:** o professor poderá levar uma folha com outras palavras, caso nenhuma das equipes saiba mais músicas com a palavra solicitada anteriormente. Exemplos de palavras: alegria, felicidade, paz. Uma outra dica é o professor (caso saiba tocar) levar um violão para acompanhar as equipes no momento em que elas estiverem cantando.

### 3 - JOGO DO CONTRÁRIO

**PASSO A PASSO:** individualmente e cada um sentando no seu lugar os alunos devem bater duas vezes as palmas das mãos nas coxas e bater uma palma. Nesse ritmo o professor deverá cantar a música e posteriormente os estudantes deverão repetir o refrão.

Este é o jogo do contrário  
(*todos os alunos repetem*)  
E não tem nada de extraordinário  
(*todos os alunos repetem*)



Para brincar tem que cantar  
(todos os alunos repetem)

E o contrário me falar  
(todos os alunos repetem)

Alto, Alto, Alto, Alto, Alto  
(todos os alunos repetem)

Baixo, Baixo, Baixo, Baixo, Baixo  
(todos os alunos repetem)

**OBJETIVO:** nessa atividade pode-se trabalhar os sinônimos de forma descontraída e cantada. O professor poderá incluir outros sinônimos com que desejar trabalhar.

**DICA:** para aprender as batidas e o ritmo da música visualize o vídeo da atividade intitulado "jogo do contrário", através do site [www.youtube.com/ClubeDosRecreadores](http://www.youtube.com/ClubeDosRecreadores).

Professor Cleber Mena Leão Junior (CREF 015556-G/PR) é Mestre em Ensino (Unespar). Especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino (UTFPR). Especialista em Educação Física Escolar (PUC/PR). Graduado em Educação Física (PUC/RS). Diretor da Associação Brasileira de Recreadores (Abre). Diretor da Empresa Clube dos Recreadores. Autor do livro Manual de Jogos e Brincadeiras: atividades recreativas para dentro e fora da escola (Editora Wak).

## Um exemplo bem-sucedido

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, as alunas do Colégio Pedro Álvares Cabral tiveram um dia dedicado especialmente a elas. Repleto de cultura, esporte e feminilidade, o Passeio Escolar realizado no Remo - Clube de Regatas do Flamengo, organizado pelo professor de educação física, e também participante do Programa Transforma Educação, do Comitê Olímpico Rio 2016, José Geraldo Braga Miranda, teve como objetivo oportunizar às estudantes da rede estadual a vivência de um esporte que não fosse comum ao dia a dia delas, bem como o contato com a natureza e num espaço que fizesse parte das Olimpíadas Rio 2016.

Durante a atividade, as alunas visitaram as instalações locais, passando pela academia dos atletas, onde eles treinam diariamente, até o tanque de simulação, no qual aprenderam os principais fundamentos da modalidade. Por fim, as jovens tiveram a oportunidade de realizar um circuito na Lagoa Rodrigo de Freitas, em um barco 4x4, com o apoio



do técnico do clube. "Através deste passeio pedagógico, as estudantes tiveram contato com profissionais de nível de seleção e algumas receberam convite para permanecer no clube e integrar a equipe do Flamengo", revela Geraldo.

Colaboração: Richard Günter

Colégio Pedro Álvares Cabral  
Rua República do Peru, 104 – Copacabana  
Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 22021-040  
Tel.: (21) 2332-759  
E-mail: [cepedroalvarescabral@educacao.rj.gov.br](mailto:cepedroalvarescabral@educacao.rj.gov.br)  
Coordenador do projeto: José Geraldo Braga Miranda  
Fotos cedidas pela escola





## Atividades neuropsicopedagógicas de intervenção e reabilitação

Simaia Sampaio

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

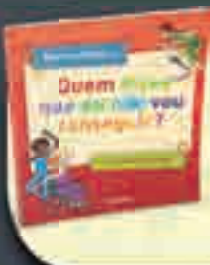
As atividades contidas no livro foram desenvolvidas pela autora no contexto da intervenção psicopedagógica, com a finalidade de estimular o raciocínio lógico. O objetivo da obra é servir como recurso de intervenção psicopedagógica clínica complementar, pretendendo estimular áreas deficitárias, contribuindo para um melhor desenvolvimento cognitivo.

## Paciência e sua turma

Rose Mary Alves

Editora Boa Nova – Tel.: (17) 3531-4444

Como ensinar as crianças a lidarem de forma leve com pecados como gula, preguiça, egoísmo, vaidade, avareza, inveja e orgulho? No livro ilustrado, a professora Paciência incentiva os seus alunos a mudarem as atitudes de uma vez por todas. A decisão tomada por ela é dividi-los em salas diferentes. Será que isso vai dar certo?



## Quem disse que eu não vou conseguir?

Marcos Ribeiro – Ilustração: Isabel de Paiva

Moderna Literatura – Tel.: (11) 2790-1300

Você se recorda qual foi o seu primeiro tropeço? Independentemente da idade ou situação, todos nós já passamos por alguma dificuldade. Imagina se você tivesse desistido no primeiro contratempo e anunciado derrota? Saber superar adversidades é importante em todas as fases da vida, mas conseguir lidar e resolver problemas na infância se faz ainda mais necessário.

## Uma aventura no ar

Samuel Murgel Branco, Luiz Eduardo Ricon (Roteiro), Maya Reyes-Ricon (Roteiro)

Moderna Literatura – Tel.: (11) 2790-1300

Pode parecer estranho, mas vivemos no “fundo de um oceano de ar”. O ar está à nossa volta, sobre a terra e os oceanos. Ao acompanhar as aventuras vividas por Carol e Rique, você terá a oportunidade não só de explorar um meio muito diferente e peculiar – a atmosfera – como também de conhecer suas características e muito mais.



## Vivendo num ambiente sem poluição

Ana Cecília Petta Roselli Marques

Moderna Literatura – Tel.: (11) 2790-1300

A apresentação do texto na forma de história em quadrinhos, além de representar um recurso da maior importância entre os meios de comunicação, tem também o objetivo de criar uma forma bastante agradável de leitura para o leitor e, principalmente, transmitir temas tão importantes nos dias atuais, como alimentação saudável, poluição ambiental e tabagismo.

## Você quer uma mãozinha?

Nivânia Carvalho

Litteris Editora – Tel.: (21) 2223-0030

Inclusão, integração e diversidade, estas três palavras com seus amplos significados fazem parte deste livro. Escrito para as crianças que começam a descobrir a vida convivendo com pessoas de diferentes raças e credos e portadoras de necessidades especiais. Você quer uma mãozinha? É um livro especial como a sua autora.



*Professor,*



# Conheça os seus benefícios



[appai.org.br](http://appai.org.br)